BLUMENAU em Cademos

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense



TOMO XL Fevereiro/1999 Número 02

m-Cadery

Fundação Cultural de Blumenau

Braulio Maria Schloegel

Presidente

Diretoria Administrativo-Financeira Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica Sueli Maria Vanzuita Petry

Revista "BLUMENAU EM CADERNOS" fundada em 1957 por José Ferreira da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller"

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 - il. Mensal

Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,

na Área de História – edição 1998, concedido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"





REVISTA "BLUMENAU EM CADERNOS"

CAPA

Projeto Gráfico: Silvio Roberto de Braga Acervo: Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Imagens do Ensino em Blumenau

Boletim Escola Encano Baixo (1895); Escola Alemã de Altona (1915), Atual E.B.M. Machado de Assis; Carteiras escolares da E. B. M. Machado de Assis (Anos 30).

DIREÇÃOSueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL

Alda Niemeyer, Cristina Ferreira, Niels Deeke, Sálvio Alexandre Müller, Tadeu C. Mikowski

DIAGRAMAÇÃO/EDITORAÇÃO

Cristina Ferreira

PRODUÇÃO GRÁFICA

Nova Letra Editoração e Impressão Ltda. Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (047) 326-0600 Cep 89050-000 - Blumenau - SC

EDIÇÃO

Editora Cultura em Movimento

DIREÇÃO EXECUTIVA

Dirceu Bombonatti

SUMÁRIO

O Relatório da Administração do Ex-Superintendente Eugen Fouquet	. 07
Carta aos pais e parentes (17/01/1850 a 27/03/1850) Hermann Blumenau	. 16
História de um Museu no Alto Vale Pe. Eloy Dorvalino Koch	. 21
Dois Vizinhos do Bairro da Velha Siegfried Carlos Wahle	. 24
Capitão Euclides de Castro	28
O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e a produção Historiográfica dos teuto-brasileiros Cristina Ferreira	33
O esquecimento do grupo étnico germânico de Lages Juçara Souza Castelo Branco / Prof. João Klug	44

Inauguração do Asilo de Velhos Hercílio Deeke	50
Histórias da minha avó Urda Alice Klueger	54
Ainda Verbetes de 98 Theobaldo Costa Jamundá	56
Cruz e Souza, ainda / Interiorização do Ensino / Lindolf Bell Enéas Athanázio	60

Der Verwaltungsbericht des Ex-Superintendenten

Der Ex Superintendent unsres Munizipiums hat es sich nicht versagen können, seinen leßten Verwaltungsbericht in der "Blumenauer Zeitung" zu veröffentlichen, nachdem er uns das Relatorium über das vorvergangene Jahr (1901) mit großer Standhaftigkeit vorenthalten hat. Wenn der vorliegende Bericht, der zugleich einen Ueberblick über die vierjährige Amtsperiode des Dr. Cunha, gewissermaßen sein Testament, enthält, nur ein historisches Interesse beanspruchte, würden wir seiner mit keinem Worte gedenken; er hat aber leider ein sehr aktuelles Interesse, denn unter den üblen Nachwirkungen des Cunha'schen Regiments wird unser Gemeinwesen noch lange zu leiden haben. Dieser Umstand nötigt uns, in eine kurze Besprechung einzutreten.

Der Bericht des Herrn Dr. Cunha ist das getreue Abbild seiner Verwaltung: nichts Solides, vorwiegend Effekthascherei. Er enthält eine Reihe falscher, irreführender Angaben und bekundet das ungewöhnliche Talent seines Verfassers zum Schaumschlagen. Es ist weniger ein Rechenschaftsbericht, als ein Rechtfertigungsversuch, der dem Publikum unterbreitet wird. Und da gilt das Wort: *Qui s'excuse*, *s'accuse*, wer sich entschuldigt, klagt sich an.

Nach berühmten Mustern – wir denken an die Herren Campos Salles und Philipp Schmidt - ist Herr Dr. Cunha in seiner "Botschaft" bemüht, seine Verwaltung auf Kosten derjenigen seines Vorgängers herauszustreichen. Dabei geht er nicht ehrlich vor, sondern verdreht und entstellt die Tatsachen. Er erwähnt, daß er von seinem Vorgänger eine Schuld von 20:432\$700 in Kammerzetteln übernahm, verschweigt aber, daß ihm dieser einen Baarbestand von 10:833\$847 und eine Sparkasseneinlage von 6:345\$925 hinterließ, in Summa 17:229\$772. Die effektive Schuld, die Herr Dr. Cunha vorfand, betrug demnach 3:203\$000. "Ich löste - heißt es weiter - von den Zetteln, welche mir die vorige Kammer hinterließ, 13 Contos ein." Aber womit? Mit dem Gelde, welches die vorige Kammer gleichfalls hinterließ, und zwar 1) 6:740\$, die eigens zu diesem Zwecke zurückgelegt waren und 2) 6:345\$, die von der Sparkasse erhoben wurden: macht zusammen 13:085\$. Das braucht die Oeffentlichkeit natürlich nicht zu erfahren. Es macht viel mehr Effekt, wenn Herr Dr. Cunha sagt: ich habe 13 Contos alte Schulden abtragen müssen und hinterlasse dafür meinem Nachfolger eine gleiche Schuldenlast. Der nicht ganz unerhebliche Umstand, daß er die Mittel zur Tilgung der alten Schulden bei seiner Amtsübernahme vorfand, scheint ihm nicht der Erwähnung wert. Das nenut man eine "ehrliche" Berichterstattung.

O relatório da Administração do Ex-Superintendente

O ex-superintendente do nosso município não pôde abster-se de publicar o último relatório de sua administração no "Blumenauer Zeitung", mesmo tendo retido, com persistência, o de 1901. Se o presente relatório, do qual se tem uma visão dos quatro anos da gestão do Dr. Cunha, e que até certo ponto é seu legado, apenas fosse de interesse histórico, nós nem o mencionaríamos. Infelizmente não é o caso, pois ainda vamos sofrer as conseqüências de sua administração. E é isto que queremos discutir.

O relatório do Dr. Cunha é o retrato fiel de seu governo, nada de solidez, apenas auto promoção. Ele contém informações incorretas e demonstra o talento de seu editor em exagerar. É mais uma justificativa do que uma prestação de contas ao público. Neste caso vale o ditado, "Qui s'excuse, s'accuse", quem se desculpa se acusa.

Em sua mensagem, Dr. Cunha está mais preocupado em ressaltar sua administração da anterior, seguindo exemplos ilustres como Campos Sales e Felipe Schmidt. Ele não está agindo honestamente, pois distorce os fatos. Afirma que teve que assumir uma dívida de 20:432\$700, da Câmara Municipal. No entanto, não mencionou que havia no caixa 10:833\$847 em dinheiro, e 6:345\$925 numa caderneta de poupança, totalizando 17:229\$772 Contos. A dívida efetiva que havia era de 3:203\$000. Ele diz o seguinte: "resgatei 13 Contos das dívidas da Câmara Municipal." Mas como? Com o dinheiro deixado por aquela Câmara (casa), exatamente para esta finalidade, sendo 6:740\$ em dinheiro e 6:345\$ da caderneta de poupança, totalizando13:085\$. Mas isto não interessa a ninguém. O efeito é maior quando Dr. Cunha afirma: "eu amortizei 13 Contos e deixo o mesmo em dívidas". Não vale a pena mencionar o fato de ter encontrado o dinheiro à disposição para saldar as dívidas ao assumir o cargo. E afirmam que isto é um relatório honesto.

Do mesmo modo não são confiáveis os dados sobre o repasse de uma dívida de 13 Contos para o exercício de 1903. Dr. Cunha usa com freqüência a palavra "cerca de", que é muito imprecisa. Numa análise Ebenso unzuverlässig ist die Angabe, daβ auf das Jahr 1903 eine Schuld von ca. 13 Contos übergeht. Das Wörtchen "circa" scheint im Sprachgebrauch des Herrn Dr. Cunha überaus dehnbar zu sein. Bisher sind, bei genauerem Zusehen, aus den ca. 13 Contos schon ca. 20 Contos geworden. Rechnet man die noch umlaufenden ca. 5 Contos in Kaummerzetteln hinzu, so beläuft sich die Gesammtschuld, die Herr Dr. Cunha der neuen Kammer aufgebürdet hat, auf 25 Contos, während er eine effektive Schuld von nur 3:200\$ vorfand. Und dabei betrug die Gesammteinnahme der leβten Verwaltungsperiode etwa 88 Contos mehr, als die der vorletzten!

In den hinterlassenen Büchern und Rechnungen herrscht die denkbar größte Unordnung. Der gegenwärtige Superintendent hat in dieser Beziehung schon trübe Erfahrungen gemacht. Als er auf Grund einer vorgefundenen Liste die rückständigen Steuern eintreiben wollte, stellt es sich heraus, daβ ein großer Teil der angegebenen Restanten schon bezahlt hatte. Im Distrikt Indayal, wo überhaupt die ärgsten Bummeleien vorgekommen zu sein scheinen, sind in manchen Fällen dieselben Steuern zweimal erhoben worden; wir würden's nicht glauben, wenn wir die Talons nicht mit eigenen Augen gesehen hätten. Der Schatzmeister mußte wohl oder übel den zuviel gezahlten Betrag zurückerstatten. Auch hat der ehemalige Intendent des 3. Distrikts Talon-Bücher abgeliefert, die kein Datum und keine Jahreszahl enthalten. Sich aus diesem Wirrwarr herauszufinden, ist für die neue Verwaltung keine leichte Aufgabe. Was würde wohl einem Kaufmann widerfahren, dessen Buchführung ähnliche – sagen wir Mängel aufwiese?

Sehen wir von all den hochtrabenden Redensarten ab, die Herr Dr. Cunha mit bekannter Virtuosität aus dem Aermel schüttelt, so bleibt von positiven Leistungen, über die zu berichten wäre, so gut wie nichts übrig. Zwar versichert uns der Ex-Bürgermeister, daβ er in vier Jahren 217:609\$149 für öffentliche Arbeiten ausgegeben habe. Aber wie diese Gelder verwendet worden sind, darüber erfahren wir leider nichts. Es wäre ganz interessant zu wissen, was Herr Dr. Cunha alles zu den "öffentlichen Arbeiten" rechnet. Die einzige größere Arbeit, die gemacht wurde, ist die Testobrücke für 15 Contos. Wären die übrigen 200 Contos gewissenhaft und zweckentsprechend verwendet worden, so müßten – sollte man meinen – unsere Wege und Brücken heute denn doch in etwas besserem Zustande sein. Aber man weiß ja, wie's zuging. Bei der Vergebung der öffentlichen Arbeiten waren häufig politische Gesichtspunkte maßgebend und die Aufsicht war durchaus ungenügend. Beweis: die eingestürzten gewölbten Brücken am linken Ufer des Beneditto und die schadhafte Brücke am Indayal, die unter Dr. Cunha gebaut worden sind und keine drei

mais profunda veremos que os 13 Contos já somam 20 Contos e se contarmos os 5 Contos de papéis da Câmara, a dívida atinge a 25 Contos, enquanto a dívida efetiva deixada por seu antecessor foi de 3:200\$. No entanto, a arrecadação total do último período administrativo foi de 88 Contos a mais que a do anterior.

Os livros e anotações sobre contas estão na maior desordem. Em relação a isto o atual superintendente já teve experiências desagradáveis. Baseado numa lista onde constavam os contribuintes em atraso, constatou que a maioria havia pago. No distrito de Indaial, onde, ao que parece aconteceram os maiores disparates, houve casos de duplicidade na arrecadação dos impostos. Nós não teríamos acreditado se não tivéssemos visto pessoalmente os talões. O encarregado das finanças foi obrigado a devolver as quantias cobradas a mais. O ex-intendente do 3º distrito também distribuiu talões sem qualquer data. Sair deste emaranhado é uma tarefa complicada. O que aconteceria a um comerciante que administrasse deste modo o seu negócio? De todos os discursos inflamados, nos quais Dr. Cunha era muito hábil, não restou efetivamente nada de positivo a registrar. O ex-prefeito nos afirma que gastou 217:609\$149 em obras públicas. Mas não ficamos sabendo como este dinheiro foi gasto. Seria interessante saber o que Dr. Cunha define como "obras públicas". A maior obra executada foi a ponte sobre o rio do Testo. Se os restantes 200 Contos tivessem sido aplicados adequadamente, com certeza nossas estradas e pontes estariam em melhores condições. Mas sabemos como as coisas eram conduzidas. O aspecto político é o que mais pesava na execução de obras públicas e a inspeção das mesmas deixava a desejar. O que comprova isto é o desabamento do telhado da ponte do rio Benedito e a danificada ponte em Indaial, que foram construídas há três anos, durante a gestão do Dr. Cunha. Foi concedido a um comerciante falido, um polpudo benefício sem vínculo empregatício, para roçar a estrada da serra. Este apenas recebeu um bom pagamento para não fazer nada, pois não entendia do assunto. Assim, às vezes, o dinheiro público servia como caixa de campanha.

Mas Dr. Cunha estava mais propenso em culpar a população pelo estado de conservação dos meios de transporte, porque segundo ele

Jahre gehalten haben. Bei der Aufrossierung der Serrastrasse wurde eine fette Sinekure für einen Parteigänger des Dr. Cunha geschaffen, einen bankerotten Kaufmann, der von Wegearbeiten nicht das geringste verstand und große Summen für Nichtstun einsteckte. So diente die Munizipalkasse bisweilen als Parteikasse.

Herr Dr. Cunha freilich ist geneigt, alle Schuld an unsern schlechten Kommunikationsverhältnissen auf die Bevölkerung zu schieben, welche die auf Erhaltung der Straβen bezüglichen Gesetzbestimmungen nicht respektiert habe. Daβ in dieser Beziehung manches zu wünschen übrig blieb, soll nicht bestritten werden. Aber woran lag das? Die Bevölkerung sah, daβ die Kammer ihre Pflicht nicht tat, und deshalb wurde sie ebenfalls nachlässig und gleichgültig. Das böse Beispiel von oben wirkte ansteckend nach unten.

Als besonderes Verdienst rechnet es sich Dr. Cunha an, daß er die verfassungsmäßigen vier Jahre auf seinem Posten ausgehalten hat. Für das Munizipium wäre es besser gewesen, wenn er schon nach vier Monaten gegangen wäre. Seine Amtszeit war, troßdem ihm verhältnismäßig große Mittel zur Verfügung standen, die sterilste seit der Proklamierung der Republik. Ein schwaches Bewußtsein davon dämmert ihm selbst gelegentlich auf; aber schnell ist er bereit, einen Sündenbock herbeizuschaffen, auf den die Schuld abgewälzt werden kann. "Die Zwietracht im Schoße unsrer Kammer" war es, welche den Gang der Geschäfte im ganzen Laufe des Jahres 1901 störte und die geplanten Reformen hinderte. Im folgenden Jahre war es dann zu spät, und so blieb alles beim Alten. Grade das Jahr 1901 hatte sich Herr Dr. Cunha für seine Reformen ausersehen, und grade in diesem Jahre mußte die Hydra der Zwietracht im Schoße der Kammer auftauchen.

Diese Zwietracht hervorgerufen zu haben, ist wiederum das alleinige Verdienst des Superintendenten, der die Kammer zu einem politischen Werkzeug erniedrigen wollte und tatsächlich erniedrigte, anstatt in Gemeischaft mit ihr eine geordnete Verwaltung zu führen. In der jetzigen Kammer sind gleichfalls zwei Gruppen vertreten; da aber die Politk aus dem Spiele bleibt, herrscht in allen Verwaltungsangelegenheiten eine erfreuliche Uebereinstimmung. Gleich am ersten Tage war die Brücke zur Verständigung gefunden, indem der Vizepräsident aus der Minorität gewählt wurde. Zu Dr. Cunhas Zeiten ist die Minorität bei der Zusammensetzung des Präsidiums stets übergangen worden, weil eben die Präsidentenwahl ein hochpolitischer Akt war.

Die neue Kammer faßt ihre Beschlüsse auf Grund sachlicher Erwägungen. Auch bei der Auflösung des Kontraktes über den Bau der Cederbrücke, der bei der Wahl eine hervorragende Rolle gespielt hatte, sind weder não respeitaram o decreto lei, que se refere à manutenção das estradas. Não podemos negar que em relação a isto ele estava certo. Mas qual foi a causa? Vendo que a Câmara não cumpria com suas obrigações, o povo também se tornou indiferente e não cumpriu sua parte. O exemplo vindo de cima se manifestou na população.

Dr. Cunha acha que seu mérito reside em ter cumprido o mandato de quatro anos. Para o município teria sido melhor se tivesse se afastado há quatro meses. Sua gestão foi a mais estéril desde a Proclamação da República, mesmo tendo recursos relativamente elevados à sua disposição. Às vezes ele tinha consciência disto, mas em seguida achava um bode expiatório sobre o qual despejava toda culpa. Foram as divergências na Câmara que perturbaram o andamento dos projetos e das reformas planejadas no decorrer de 1901. No ano seguinte já era tarde demais e assim tudo ficou como antes. Dr. Cunha havia destinado o ano de 1901 para suas reformas, mas foi justamente neste ano que surgiu o desentendimento na Câmara.

Este foi desencadeado pelo próprio Dr. Cunha, pois ele quis e conseguiu fazer da Câmara um instrumento político, ao invés de, em comum acordo com esta casa, fazer uma boa administração. Na atual Câmara temos dois grupos representativos, mas deixaram a política de lado, e existe consenso. Desde o primeiro dia houve entendimento, porque o vice-presidente eleito é da minoria. Na gestão do Dr. Cunha a composição da mesa diretora era um ato político e por isto a minoria era ignorada.

A atual Câmara toma decisões a partir de ponderações objetivas. Não foi interesse pessoal, nem político, que determinou a rescisão do contrato da construção da ponte do Cedro, a qual teve um papel importante na eleição, e toda afirmação contrária é difamatória e maldosa. Como teria sido possível esta rescisão se não fosse por unanimidade? Até os vereadores da oposição, após terem verificado os fatos votaram pela rescisão do contrato. Para o ilustre chefe com certeza esta foi uma pílula amarga, mas ficou provado que este contrato seria prejudicial ao município. Porém, Dr. Cunha não se importa com isto e continua com suas intrigas. Ainda assim tem a coragem de oferecer seus préstimos a seu su-

politische noch persönliche Interessen ausschlaggebend gewesen, und jede gegenteilige Behauptung muβ als böswillige Verleumdung zurückgewiesen werden. Wie wäre es sonst möglich gewesen, daβ die Auflösung des Kontraktes mit Einstimmigkeit erfolgte? Haben doch selbst die Kammerräte der von Dr. Cunha empfohlenen Chapa, nachdem sie sich über den wahren Sachverhalt unterrichtet hatten, ohne Bedenken für die Aufhebung gestimmt! Das war gewiß eine bittere Pille für den illustren Chef; für jeden Umbefangenen aber ist damit bewiesen, daβ der genannte Kontrakt in der Tat eine Schädigung der Interessen unsres Munizips bedeutete.

Dergleichen Lektionen fallen jedoch bei Herrn Dr. Cunha auf unfruchtbaren Boden; es wird unverdrossen weiter gehetzt und intrigiert. Und dabei besitzt er die edle Dreistigkeit, seinem Nachfolger, den er auf. Tod und Leben und nicht grade mit den saubersten Waffen bekämpft hat seine "Schwachen Dienste" anzubieten; er hat soger die Naivität zu hoffen. Herr Schrader werde von dem groβmütigen Anerbieten Gebrauch machen. Für diese Politik fehlt dem Deutschen das Verständnis, und uns fehlen die Worte, ein solches Gebahren gebührend zu kennzeichnen, ohne die Grenzen der parlamentarischen Ausdrucksweise zu verletzen. Es bleibt jedem Leser überlassen, sich sein Teil zu denken. Nur das muβ gesagt werden: Die Dienste des Herrn Dr. Cunha sind von allem Entbehrlichen das Entbehrlichste, und daβ sein Nachfolger sich jemals entschließen sollte, sie in Anspruch zu nehmen, ist von allem Unwahrscheinlichen das Unwahrscheinlichste.

cessor, apesar de não ter usado de meias palavras para desmoralizá-lo. Ingenuamente acredita que o Sr. Schrader vai fazer uso de sua oferta.

O alemão não compreende esta forma de política e nos faltam palavras para definir esta atitude sem ferir o decoro parlamentar. Fica a critério do leitor fazer seu julgamento.



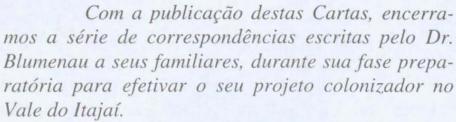
Dr. José Bonifácio da Cunha

Blumenau rumo ao sesquicentenário de Fundação

Cartas aos Pais e Parentes (17/01/1850 a 27/03/1850)

Texto:

DR. HERMANN BRUNO OTTO BLUMENAU*



No decorrer da sua publicação, o leitor teve a oportunidade de conhecer os sentimentos e preocupações de Hermann Blumenau em relação à necessidade de obter recursos financeiros e "poder" de convencimento para o funcionamento do seu empreendimento.

Interessante destacar que na Carta nº. 28 constata-se a sua expectativa para a vinda dos primeiros colonos que chegariam sob a orientação de seu sobrinho Reinhold Gaertner.

Carta Nº 25

Braunschweig, 17 de janeiro de 1850.

Minha querida mãezinha!

Sofri muito nos últimos dias com o frio penetrante (10 graus) para empacotar e correr de um lado para outro, mas o pior já está pronto e penso ficar alguns dias aqui em casa para me organizar. Seguirei depois para Hamburgo para tratar com Schröder dos últimos assuntos. Assim estarei pronto com tudo e se Deus quiser, quando o tempo melhorar, em breve poderei embarcar em Hamburgo ou Antuérpia.



^{*} Natural da Alemanha – Hasselfelde, fundador da Colônia Blumenau em 02/9/1850.

Tradução: Valéria Mailer.

Carta nº. 26

Braunschweig, 12 de fevereiro de 1850.

Minha querida e boa mãezinha do coração!

Primeiramente aos negócios: na caixa anexa você encontrará bem em cima meu retrato, que você certamente receberá com muita alegria, minha boa mãe. Não ficou muito bom, mas reproduz a minha imagem, mesmo que fria e cinzenta;

Além de Reinhold (Gärtner), seguem daqui ainda dois jovens; está tudo acertado e eu estou muito contente, pois é um início e aos poucos encontra-se outros. Um deles leva 3.000 moedas de prata, o outro 1.000.....

Partirei agora através de Hamburgo para o mar, pois lá o tempo é propício e assim sairá mais em conta para mim, mas deverei esperar lá ainda 8 – 14 dias, até um navio zarpar. O tempo está melhor, contudo estou aborrecido com a grande perda de tempo, e lamento não poder tê-la visto por mais uma vez, pois estou tão próximo de você..., pois teria podido ficar por 2-3 dias, mas o pai nos teria estragado também esta curta alegria com os seus comentários.......

Carta nº. 27

Dorf Crantz bei Buxtehude, 26 de março de 1850.

Minha querida e boa mãezinha!

Não posso despachar esta carta sem escrever algumas palavras a você em particular. Ainda continuo aqui na casa de meu capitão, um ho-

mem muito amável, pois o vento tem sido sempre desfavorável e somente agora sopra em direção oeste, e esperamos que permaneça soprando por alguns dias, para que possamos pelo menos alcançar o canal, onde se pode partir também com vento norte. Ficar na casa do capitão foi muito bom para mim, pois estar a bordo com este frio terrível no rio Elba, teria sido um desprazer. Todavia eu queria partir agora, apesar do frio e do vento, pois estar tão perto de todos vocês e especialmente de você, minha boa mãezinha e não poder estar junto de você me aflige mais do que se eu estivesse a 1.000 milhas de distância. Então teria a esperança de retornar, mas agora só consigo pensar na despedida.

Com as minhas plantas tenho muito trabalho e má sorte com este frio, e como as caixas precisam ficar no convés, receio que sofrerão muito. Mas não há o que fazer, devo aguardar para ver o que ainda posso salvar. As rosas parece que ficaram bem, e das outras mais úteis o Reinhold (Gärtner) trará mais algumas mudas consigo. Ele deve partir somente em primeiro de junho, caso contrário não chegarei em tempo suficiente para organizar as coisas. Tomara que Hackradt tenha recebido bastante dinheiro para que possamos comprar mais terra, então espero fazer um bom negócio, pois parece que mais pessoas querem se engajar, para o que contribuem também meus relatórios, que deverão estar publicados em duas ou três semanas. Se isto ocorrer não terei trabalhado em vão, e o negócio ainda poderá florescer.

(Seguem suas preocupações sobre futuras guerras ou revoluções na Alemanha. Aconselha sua mãe a não ficar em Hasselfelde, mas sim ir para Blankenburg.

Depois escreve somente assuntos familiares. Demonstra preocupação com o relacionamento de sua irmã Agnes com o marido Götter e pede para a mãe aconselhá-los. Constata-se o senso de justiça de Blumenau, pois ele não atenua os erros de sua irmã preferida, mas sim toma o partido de Götter, que na realidade não era tão ligado a ele quanto sua irmã)¹

¹ Observações feitas por Theodor Klein, em 1939, oportunidade em que copiou dos originais apenas assuntos que lhe interessavam. As cartas originais foram destruídas na 2ª. Guerra Mundial.

Carta nº. 28

A bordo do brigue "Miranda", 27 de março de 1850.

Meus queridos pais!

Finalmente partimos, depois que deixei Hamburgo, fiquei desde quarta-feira em Cranz, um vilarejo em Blankenese próximo a Stade, pois devido aos ventos desfavoráveis o navio teve que ficar no rio Elba. O piloto que nos deixará no Elba, levará esta carta até o correio e vocês receberão com ela o último sinal de vida e carinho que ainda posso enviá-los de solo alemão.

Tomara que tenhamos bons ventos e se Deus quiser, em 5 – 6 dias estaremos, através da Inglaterra, no oceano Atlântico. Nosso navio, o brigue Miranda, é novo, está fazendo sua segunda viagem e o capitão também é muito amável. Desse modo devo fazer uma boa viagem, caso o tempo e o vento estiverem favoráveis. O enjôo provavelmente me atacará outra vez, mas este mal-estar é inevitável e já lhe superei algumas vezes, e desta vez vou vencê-lo. O frio terrível trouxe aqui novamente ½ pé de neve, certamente é muito desagradável, mas enquanto me sentir enjoado, tenho que ficar deitado na cabine, bem agasalhado com as cobertas.

Meus negócios em Hamburgo estão todos resolvidos. Assegurei minha bagagem por 3.500 moedas de prata, assim estou totalmente garantido, caso o navio sofra algum infortúnio. O seguro é um pouco alto, o prêmio 1 ¼ %, mas estou garantido, pois o navio pode sofrer danos, sem que seja preciso acontecer uma desgraça, como a das últimas tempestades no rio Elba onde 6-8 navios encalharam, sem que se perdesse uma só vida humana. Se acontecer este infortúnio, pelo menos não perderei dinheiro, mesmo que tenha muito trabalho novamente. O céu, que protege a todos, nos ajudará aqui também.

Estou muito triste e desolado por ter que deixá-los por tanto tempo, mesmo quando espero com a certeza de revê-los mais vezes saudáveis e contentes, mas devido aos últimos acontecimentos, enfrento agora o futuro com mais esperança do que há quatro meses passados. Em junho, com Reinhold (Gärtner) irão provavelmente mais 20 pessoas, e os

Blumenau rumo ao sesquicentenário de fundação

meus relatórios, que breve serão publicados e enviados a vocês, atrairão também mais alguns, pois eles, mesmo que mal escritos e um pouco confusos, representam as condições reais e levarão muito homem trabalhador a preferir o sul do Brasil à América do Norte. Desse modo, só me resta esperar por um futuro razoável, e não terei trabalhado totalmente em vão, terei também algum lucro e talvez também alguma honra, pois terei sido o primeiro a iniciar tudo no sul do Brasil, mesmo que seja atacado aqui e lá e faça inimizades, pois às vezes me opus rigorosamente contra muitas tolices e calúnias que espalharam sobre o Brasil.

(Ele pede para seus pais e irmãos lhe escreverem pelo menos de três em três meses).

H. Blumenau.



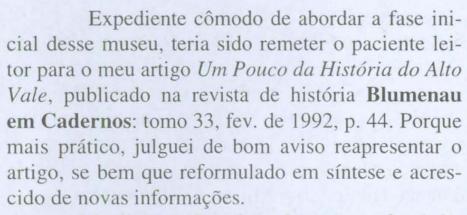
Representação da chegada dos 17 primeiros imigrantes a Blumenau

Artigos

História de um Museu no Alto Vale

Texto:

PE. ELOY DORVALINO KOCH*



O livreto Famílias Pioneiras de Salto Grande, de 1985, e o modesto Museu dos Pioneiros, de 1990, originaram-se de especial querência minha: o Médio Vale do Rio Itajaí do Sul, ao qual os colonos teuto-catarinenses do Sul do Estado, migrados para o Médio Vale em 1912, batizaram de "O Rio-Abaixo". Termo ainda empregado pelo Vigário da extensa Paróquia de Teresópolis, Pe. Augusto Schwirling. Para verificá-lo, bastaria, por exemplo, tomar conhecimento da certidão de batismo de Maria Gorges (1921), da Capela de Santo Estêvão. Documento esse guardado, sob o no. 62, no atual Museu de Ituporanga (1997).

A idéia de um museu na região despontou nos anos setenta. Muito lenta e esporádica foi a sua concretização. Tocada por penoso trabalho de férias de um padre-professor. Por vezes, em termos de condução e hospedagem, auxiliado pelos generosos casais Pedro Koch/Hermelinda Martendal, José Wiese/Otília Farias e Lourenço Hemkemayer/Dalcy Becker.

Tinha, de início, caráter familiar. Chamava-se <u>Museu dos Irmãos Koch</u>. Reuniam-se as peças coletadas numa dependência da estufa-de-fumo do casal Ivo Koch / Bernadete Prim, construída na



^{*} Sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catari-

antiga propriedade rural dos nossos pais: José Carlos Koch e Maria Lúcia Momm, na localidade de Barra Nova, no Município de Petrolândia. Pedro Koch já providenciara algum material de construção para a casa do museu.

Chegou-se, porém, à conclusão de a sua localização ficar muito isolada, e a casa prevista demasiado pequena para comportar o crescente acervo de peças, que já se distribuíam por vários depósitos, situados dentro e fora do Município. Foi quando se impôs a idéia de ampliação do empreendimento cultural para **Museu dos Pioneiros**.

Por intermédio do Senhor Lourenço Hemkemayer, ex-Prefeito Municipal de Petrolândia, o Museu dos Pioneiros recebeu, em 1990, notável apoio oficial da parte do Senhor Nelson Eger, seu digno sucessor. Foi-me franqueada ampla sala do desativado Colégio Cenecista, de propriedade estadual, a serviço casual da Prefeitura Municipal.

Com a ajuda de Pedro Koch e seu caminhão, recolhemos as peças dos mencionados depósitos. Na ocasião, a falta de tempo nos obrigou a somente descarregar e amontoar o material naquela sala escolar. No ano seguinte, durante quase um mês de trabalho, foi possível dar ao acervo sofrível organização: com exposição, numeração, descrição e registro das peças. A seguir, o Senhor Prefeito Nelson Eger mandou construir importante anexo nos fundos do prédio municipal, nele reservando ampo espaço para a instalação definitiva do Museu.

Contudo, o seu sucessor no governo municipal (1993), do partido de oposição, ignorou a destinação prevista daquele espaço. Nem lhe mereceu atenção a solicitação no sentido de se criar uma Fundação Municipal de Cultura: com biblioteca, arquivo histórico e museu. A pá de cal sobre o Museu veio com o novo Prefeito Municipal (1997), também do partido de oposição. Lacônico telefonema, de 14/01/97, ditado a uma funcionária do Convento de Brusque, ordenou, categórico, a desocupação da sala escolar até o final daquele mês. Muito lamentavelmente, decisões como esta continuarão a ocorrer, enquanto o conceito de "bem público" for "sinônimo de "interesse partidário".

Em compensação, deu-se uma feliz coincidência: igualmente no mês de janeiro de 1997, a nova Administração Municipal de Ituporanga decidira exclusivar o uso da "Casa da Cultura Adão Sens" para ali ser iniciado o Museu do mesmo nome, e com o objetivo de oferecer nova atração turística em complementação à da gruta de Nossa Senhora de Lourdes, à pequena distância e na mesma direção encravada no regaço da montanha.

Apoiado pelo casal-amigo Alcino e Iracema Alves, obtive da Prefeitura Municipal a aceitação imediata e prazerosa para a instalação do Museu na mencionada Casa da Cultura. Na falta de outra solução, o doador das peças tomou sobre si a organização do Novo Museu. "Novo", porque se tratava da fusão dos dois museus: o de Petrolândia (de objetos e fotos) e o de Ituporanga (só de fotos).

Explica assim a mudança para a nova designação de Museu dos Pioneiros Edevaldo Cyro Thiesen - MUPETHI, com o sentido de "história da colonização de Ituporanga". Nome que fora sugerido pelo casal Alcino e Iracema Alves, e aprovado, por unanimidade, pela Câmara Municipal de Vereadores de Ituporanga.

O Trabalho de exposição, numeração, descrição e registro das peças do Museu foi realizado pelo seu organizador, notadamente, de dois de março a dezoito de setembro de 1997. A digitação do livreto-guia do Museu, de 44 p., foi efetuada no Convento Sagrado Coração de Jesus (de Brusque), pelo Frater Reger Fabiano Sales scj e com o apoio do Pe. Geraldo Kohler scj, Reitor da Casa.

Aos 27 de novembro de 1997, na sala central do Novo Museu, na pessoa do Senhor prefeito Luiz Ademir Hessmann, Dorvalino Koch scj fez a doação e transferência oficial das 394 peças, de sua propriedade, à Prefeitura Municipal de Ituporanga, cujo acervo total, nessa altura de sua história, perfaz 478 peças. O Termo foi assinado pelo Doador e pelo Donatário, bem como pelas testemunhas: Profa. Iracema Alves e Pe. Geraldo Kohler, Reitor do Convento SCJ de Brusque.

O ato foi precedido por vários discursos de parabenizações e agradecimentos recíprocos, em sessão presidida pelo Vice-Prefeito e Secretário da Educação, Elias Souza.

O Doador recebeu uma placa de homenagem "pelo empenho em prol da Cultura Ituporanguense", assinado pelo Prefeito e pelo Vice-Prefeito, e entregue pela Primeira Dama do Município: Profa. Glorinha Hessmann.

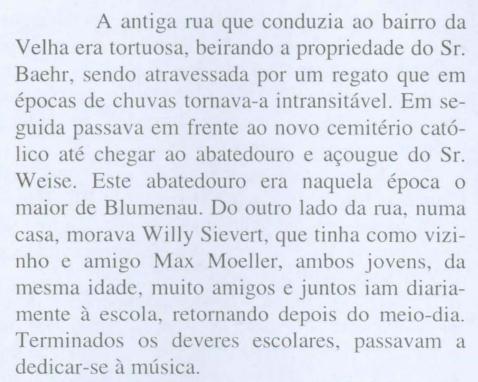
Queira Deus que o Museu seja de existência perene, em contínuo desenvolvimento e sempre culturalmente benfazejo. Notadamente, no que concerne aos valores fundamentais da tradição pioneira, a gravitarem em torno do Trabalho, da Educação da Família e da Religião.

Memórias

Dois Vizinhos Do Bairro da Velha

Texto:

SIEGFRIED CARLOS WAHLE*



Willy Sievert ensaiava com o violino no seu quarto, que ficava no sótão com a janela direcionada para o abatedouro. O ensaio normalmente começava em torno das três horas, estendendo-se até as seis horas da tarde. Com um ambiente de boa ressonância, o som do violino dominava toda a vizinhança.

Apesar de perturbar o silêncio, a vizinhança não reclamava, deixando-o em paz com os seus ensaios. Willy Sievert tinha uma grande ambição em tornar-se um exímio violinista.

Max moeller aproveitava o mesmo tempo para ensaiar com o violão. No seu caso, o som deste instrumento não era perturbador.

Quando findaram os seus anos escolares, os dois passaram a trabalhar. Ambos chegaram à conclusão de que não tinham temperamento musical. Uma vez empregados, não mais restava muito tempo para os ensaios.



^{*} Colaborador da Revista "Blumenau em Cadernos".

Anos mais tarde, num encontro com a filha do Sr. Weise, na casa de Max Moeller, ela abordou o assunto Sievert e o seu violino. Contou que certa ocasião uma freguesa do açougue perguntou à sua mãe se os ensaios de Willy Sievert não eram perturbadores na época, ao que ela respondeu que o Willy era um jovem muito educado e de boas maneiras, dotado de tanta vontade em tornar-se um bom violinista, que o som do violino, embora parecendo perturbador, não os incomodava. Os dois vizinhos eram bons rapazes e sempre dispostos a ajudar, quando necessário na vizinhança.

Willy Sievert começou as suas atividades como caixeiro em lojas. Levou para os empregos a sua educação, as suas boas maneiras e a sua honestidade que trouxera do berço. Por onde passava era bem recebido e muito estimado. Quando sentiu-se seguro, começou a trabalhar por conta própria com uma loja. Os seus negócios logo prosperaram e atingiu o seu auge quando adquiriu a antiga loja de Artur Hoeschel que ficava na Rua XV de Novembro, em frente à Rua Dr. Amadeu da Luz.

Enquanto Willy Sievert entrava para o comércio, Max Moeller começou as suas atividades como escriturário na contabilidade da Estrada de Ferro Santa Catarina. Neste trabalho, cedo sentiu a monotonia. Tinha uma grande vontade de aprender a falar o castelhano e o inglês. Resolveu viajar para a Argentina, onde obteve um emprego de comprador de trigo numa grande multinacional. Aprendeu o castelhano e o inglês. Lá mesmo mudou de emprego para uma grande firma importadora de produtos ingleses, entre os quais conhecidas marcas de casimira. Depois de três anos resolveu voltar para Blumenau. Aqui começou a dedicar-se a representações especiais. Esta atividade exigia muitas viagens. Num encontro casual com Fritz Lorenz, este contou-lhe que a Companhia Lorenz havia importado uma grande instalação para fabricação de balas e chocolates, mas depois de alguns estudos chegaram à conclusão de que este ramo industrial não se enquadrava naquele que então exploravam e então, tomaram a decisão de desfazer-se dela. Perguntou a Max Moeller se nas suas viagens não poderia haver interesse em procurar um eventual comprador. Chegaram a um acordo e na primeira viagem que fez ao Rio de Janeiro encontrou-se com Otto Wille, que procurava vender anúncios para o seu calendário. Num almoço, o Sr. Wille apresentou Max Moeller

ao Sr. Meyerfreund, proprietário da fábrica de balas e chocolates Garoto, no Estado do Espírito Santo. Combinou com este senhor um almoço e aproveitou ainda a oportunidade de informar-lhe da existência da instalação na Companhia Lorenz. No dia seguinte, no fim da tarde, já estavam os dois sentados à mesa de Fritz Lorenz, em Timbó, tratando da transferência desta instalação, que consolidou-se duas horas mais tarde. Com a aquisição desta instalação, a fábrica de balas e chocolates Garoto passou a nivelar-se entre as quatro maiores do Brasil.

No princípio da década dos anos 30, instalou-se no Brasil a "Bates Bag & Valve Corp." com a finalidade de produzir sacaria de papel de folhas múltiplas para ensacar cimento. Max Moeller, em suas andanças e estanças, constatava que muitas indústrias tinham dificuldade de progredir por falta de sacaria adequada. Com esta intenção procurou a "Bates", apresentando as suas observações, que foram aceitas, e iniciaram um programa para sacarias, segundo sugestões de Max Moeller. Assim, muitas indústrias não só melhoraram suas vendas, chegando até exportar, como foi o caso da fábrica de fécula de Encano, que durante a Guerra exportava para os EUA, pois a fécula fora considerada material estratégico. Max Moeller casou-se na Paraíba, e foi fixar residência em Belém do Pará, com um escritório de representações, para atender toda a região Norte. Antes do Brasil entrar em guerra, devido ao estado de saúde de seus pais, resolveu voltar a Blumenau. Como bom filho que sempre fora, sentiu-se na obrigação de cuidar deles, já idosos.

Resolveu voltar com sua esposa e sua filha de 3 anos, no navio da navegação costeira Ita. Quando soube na véspera que no mesmo dia zarparia um navio do Lóide Brasileiro, resolveu trocar de navio pelo fato dos navios do Lóide, de determinada categoria, oferecerem maior comodidade. Dois navios Ita e o navio do Lóide zarparam no mesmo dia, ficando o navio do Lóide um pouco atrasado. Quando em alto mar, viamse dos dois navios Ita, só vagamente, a fumaça saindo das chaminés. A viagem prosseguia normalmente sem novidades, até alcançar em alto mar o nordeste do Brasil. Um dia, ao escurecer, um dos navios da frente avistou à certa distância, dois submarinos nazistas. Passou a mensagem pelo rádio para sede da empresa e só teve tempo para informar ainda que tinham sido torpedeados. Aparentemente os dois navios Ita afundaram

em pouco tempo, pois em seguida, aqueles que provavelmente poderiam ter sido salvos foram tragados por uma violenta procela com ondas de vários metros de altura e ventos muito fortes. Este temporal chegou a alcançar o navio do Lóide, que vinha atrasado. Presume-se que esta tormenta tenha sido a causa do navio do Lóide não ter sido atacado pelos submarinos nazistas que, covardemente atocaiados, torpedeavam traiçoeiramente navios mercantes desarmados, neutros e transportando passageiros, incluindo mulheres e crianças. Como de costume, os dois submarinos devem ter procurado refúgio no fundo do mar, afastando-se da área do torpedeamento. Nunca foram achados destroços dos navios ou corpos de pessoas nas imediações do torpedeamento.

Os passageiros e tripulantes do navio do Lóide só vieram a tomar conhecimento da tragédia pelas manchetes dos jornais, ao atracar no porto de Salvador. Durante a estada, o comandante recomendara a Max Moeller para não se ausentar do navio, pois poderia sofrer agressões devido aos ânimos exaltados da população contra tudo o que era alemão, bastando ter um nome germânico. Esta covarde ação nazista refletiu muito mal contra a população germânica e os de sua origem, que já não eram bem vistos, ainda como conseqüência do fomento do pangermanismo, praticado por líderes, jornais, redatores e professores nas áreas colonizadas por alemães.

Como consequência, muitas pessoas no Rio de Janeiro e outros portos brasileiros foram detidas. Mas Moeller voltou a Blumenau onde fixou residência, permanecendo nesta cidade até sua morte.

A viagem de Belém do Pará até ao Rio de Janeiro foi me relatada pessoalmente por Max Moeller.

Dois vizinhos do Bairro da Velha, sem temperamento musical, porém dotados de um sadio temperamento comercial, souberam fazer uso daquilo que de mais sagrado trouxeram do berço: boa educação, boas maneiras e sobretudo muita honestidade e sem a influência do pangermanismo, tornaram-se vencedores na vida.

Biografias

Capitão Euclides de Castro* O leitor habitual desta revista acostumou-se a encontrar aqui as reminiscências, a respeito de pessoas do município e de episódios ocorridos em Blumenau em décadas passadas, escritas com conhecimento e habilidade por provecto e dilúcido colaborador, Siegfried Carlos Wahle, nascido nesta cidade, mas residente há muitos anos em São José do Rio Preto (SP).

Em artigo enviado à redação, o prezado memorialista evocou o Capitão Euclides de Castro, cidadão participante e de reconhecidos méritos, que residiu aqui na primeira metade deste século. Embora exista no centro de Blumenau rua cuja denominação lhe rende homenagem, hoje ele está injustamente esquecido.

Com o propósito de torná-lo mais conhecido às novas gerações e, portanto, de ajudar a resgatar do olvido a memória do Capitão Euclides de Castro, publicamos as reminiscências de Siegfried Carlos Wahle precedidas da ficha biográfica organizada pelo saudoso polígrafo Prof. José Ferreira da Silva, existente em nosso Arquivo Histórico, a respeito do brioso militar; e acompanhadas do necrológio publicado pelo jornal "A Nação", de Blumenau, por ocasião de seu óbito. (N.M.D.)

CASTRO, Euclides de

Nasceu em Jaguarão (RS), a 6 de fevereiro de 1870; e era filho de Ernesto de Castro e Bibiana Rocha de Castro. Ainda moço assentou praça no exército, onde chegou até o posto de sargento.



^{*} Texto compilado por Edison Mueller.

Ingressou, depois, na Polícia de Santa Catarina com o posto de alferes. Foi promovido a tenente, por merecimento, em 12 de novembro de 1906; e a capitão, a 15 de abril de 1910. Em 1912/1913 esteve à disposição do Serviço de Proteção aos Índios; e, nessas funções permaneceu meses no alto vale do rio Itajaí Açu procurando contato com os aborígenes, com o objetivo de pacificá-los. Dessa missão deu notícias, à época, o jornal "Der Urwaldsbote" (edição em português). Era bom flautista e, para atrair os indígenas, tocava seu instrumento nos pousos improvisados. Deixou o cargo em julho de 1913, fato que a imprensa lamentou, pois atuara com muito interesse e prudência. Em 14 de abril de 1914 foi designado para organizar e comandar o Esquadrão de Cavalaria. No mesmo ano, exerceu também o cargo de delegado especial de polícia da 5ª. Região. Publicou, em 1915, o livro "Nos Sertões do Sul", sobre os fanáticos do Contestado. Foi ajudante-de-ordens de vários governadores catarinenses. Depois de deixar, por reforma, a Força Pública de Santa Catarina, dedicou-se por longos anos ao jornalismo. Era conhecido pela alcunha de "Capitão Canudinho", derivada (consta) de sua habilidade como bom flautista. Faleceu em Blumenau na madrugada do dia 9 de fevereiro de 1946. O assento do óbito encontra-se no livro C-7, folha 132, sob o número 4.431, do Registro Civil das Pessoas Naturais da Comarca de Blumenau. Foi casado, em segundas núpcias, com d. Infância Barbosa Martins; e deixou cinco filhos: Celso, Tarsília (ambos do primeiro casamento), Odilon, Venina e Artur (do segundo leito). ICONOGRAFIA: vide fotografia no "Almanach de S. Catarina", ed. 1910, página 275; e jornal "A Nação", de Blumenau, ed. 10 de fevereiro de 1946, página 1.

Reminiscências de Sigfried Carlos Wahle

As pessoas de minha geração que ainda vivem, hoje com idade à volta de oitenta anos, hão de lembrar-se certamente de um grande filho adotivo de Blumenau - o capitão **Euclides de Castro**, que residiu longos anos na cidade na primeira metade deste século; e era conhecido, pela população blumenauense, como "Capitão Canudinho". Era natural, pareceme, do sul de nosso estado; e muito jovem, de ascendência humilde, transferiu-se para Florianópolis, onde sentou praça na antiga Força Pública. Distinguiu-se logo e caracterizava-se como pessoa muito correta e de bom trato. Essas qualidades não passaram despercebidas ao dr. Hercílio Luz, então governador do estado, que não hesitou em aproveitar o moço Euclides em tarefas e missões de maiores responsabilidades; e, dessa maneira, de possibi-

litar-lhe fazer carreira na Força Pública. Havia, porém, infelizmente, um empecilho: Euclides de Castro era analfabeto. Jovem, muito brioso e disposto a vencer os obstáculos, dedicou-se aos estudos com grande disposição, imensa força de vontade e ingentes esforços. Dessa maneira, conseguiu autoeducar-se e instruir-se, mesmo sem haver chegado a freqüentar escola, como ele próprio teria mais tarde ocasião de contar. Passou a ler jornais, aprendendo também a datilografar, embora usando apenas dois dedos, ou seja, como se dizia antigamente, "catando milho".

Na administração do governador Adolfo Konder, quando já era capitão, foi designado para delegado de polícia de Blumenau. Nessa função, conseguiu granjear a simpatia do povo de nosso município, mantendo a cidade, então pequena, tranquila e livre de arruaceiros, principalmente nos famosos bailes públicos, comuns na época, nos bairros Velha, Garcia, Vorstadt e Itoupava Seca, além de outros lugares.

Vale lembrar episódio ocorrido nesse tempo. Certo domingo, durante jogo de futebol realizado no campo do Brasil Futebol Clube (que mais tarde teve a denominação de Palmeiras Esporte Clube e hoje é o Blumenau Esporte Clube), localizado à alameda Duque de Caxias, discussão mais acirrada provocou briga corporal envolvendo um uruguaio, alcoolizado, que costumava vir a Blumenau periodicamente. A briga continuou fora do estádio; e, em plena via pública, o uruguaio sacou de um revólver e principiou a atirar em várias direções, até contra os policiais chamados a resolver o incidente. O capitão Euclides, presente também no local e ao se ver igualmente ameaçado, disparou sua arma contra o uruguaio, atingindo-o na coxa. Depois de ferido e dominado, este foi internado em hospital para tratamento, com sentinela à porta. Depois, quando apareceu repentinamente de madrugada no hospital para ver o preso, o delegado teve grande surpresa: encontrou o quarto vazio, pois o uruguaio havia fugido pela janela e sumira. Ele só voltou a Blumenau, aliás, quando já havia outro delegado. Ao ser interpelado, mais tarde, a respeito das razões para haver atirado na perna do brigão, o capitão Euclides de Castro respondeu com a simplicidade que lhe era peculiar: "Minha função não é matar pessoas, mas trancafiá-las no xadrez, colocando-as à disposição do juiz."

Quando foi deflagrada a Revolução de Trinta, as mudanças políticas então ocorridas atingiram tanto os irmãos Konder, Adolfo e Victor, como seus partidários. Desiludido e sem ambiente ou vínculos com a nova administração política do estado, não restou ao capitão Euclides outra coisa

do que ir para a reforma remunerada. Surgiu então a grande oportunidade de satisfazer desejo íntimo: morar definitivamente em Blumenau, cidade que o recebera antes com tanto carinho. Retornou então ao município com a família. Aqui sentia-se à vontade, plenamente integrado à sociedade blumenau en aqui permaneceu até sua morte.

Essa afeição à nossa gente ele a demonstrava também na fidelidade aos amigos. Nunca deixou de mostrar gratidão aos irmãos Konder. Ele escrevia periodicamente para um jornal da cidade; e, todas as tardes, sentava-se à máquina de escrever, na papelaria e livraria pertencente ao meu pai, à rua Quinze de Novembro (em prédio hoje demolido, fronteiro à igreja-matriz), para redigir relatórios com as novidades locais que remetia para o dr. Victor Konder, que então já estava residindo no Rio de Janeiro. Prosseguiu nessa atividade até a morte do citado político catarinense. Depois, continuou a freqüentar a loja de meu pai, sempre bem humorado, contando tudo o que havia de novidade na cidade. Desistiu, porém, de usar nossa máquina de escrever. Dizia, justificando-se, que não tinha mais a quem mandar seus escritos após a morte de Victor Konder.

Habituei-me a ficar conversando com ele, sempre que nos encontrávamos na papelaria de meu pai. Soube, um dia, que ele não se incomodava quando os amigos o tratavam de "Canudinho", alcunha que recebera ainda em Florianópolis. Mas, quando exerceu o cargo de delegado municipal de polícia, não admitia tais intimidades: para todos era sempre o Capitão Euclides. Meu pai, contrário por índole ao uso de alcunhas, sempre o nominava dessa maneira, em tratamento social que ele recebia com evidente satisfação.

Necrológio

Teve a mais profunda repercussão no seio da sociedade blumenauense a notícia do falecimento, ocorrido às três horas da madrugada de ontem, do nosso grande amigo e colega de imprensa, jornalista Capitão Euclides de Castro, que, após atrozes padecimentos oriundos de pertinaz enfermidade, teve os seus últimos dias de vida num dos quartos do Hospital Santa Isabel, onde todos os recursos da ciência médica foram baldados.

O Capitão Euclides de Castro foi na sua vida pública um cidadão probo, honrado e trabalhador, enquanto nos meios jornalísticos o pranteado colega sempre foi um devotado defensor da causa pública, ora exaltando uma obra de vulto em benefício da coletividade, ora observando e apontando os erros em que laboravam os poderes públicos, sempre trilhando por uma senda de justiça e critério, moldando as suas assertivas e opiniões dentro da norma e da ética profissional. Colaborando para uma vasta rede de jornais, de quase todos os estados, o grande lutador das lides jornalísticas emprestou o valor da sua pujante capacidade de trabalho e sua inteligência vigorosa abordando assuntos de interesse público, com serenidade e ponderação.

Em época anterior à longa militância no jornalismo, quando ainda integrava nossa Força Policial, na qual prestou assinalados serviços ao estado, o Capitão Euclides de Castro participara da campanha do Contestado. Nela se destacou por sua ação brilhante e heróica, feitos que ainda hoje são rememorados com orgulho pelos que sobreviveram à gloriosa campanha das nossas forças policiais contra as hordas fanáticas.

Desde que deixara as fileiras da Polícia Estadual, o extinto colega radicou-se em Blumenau, onde constituiu família e era muito benquisto e relacionado. Seu desaparecimento causou a mais dolorosa consternação na sociedade blumenauense.

Os funerais do grande amigo e colega realizaram-se ontem às 5h30min da tarde, no cemitério católico, saindo o féretro do Hospital Santa Isabel, com enorme acompanhamento. Sobre o ataúde foram colocadas coroas e flores, como tributo de saudade e homenagem dos que tiveram a felicidade de conviver com o pranteado jornalista.

À distinta e enlutada família do Capitão Euclides de Castro, "A Nação" se associa ao seu profundo pesar, com votos de sentidas condolências (cf. "A Nação", de Blumenau, ed. 10 de fevereiro de 1946, ano III, no. 609, página 1)

História & Historiografia

O Instituto
Histórico e
Geográfico de
Santa Catarina
e a produção
historiográfica
dos teutobrasileiros

TEXTO:

CRISTINA FERREIRA* O presente artigo constitui-se parte integrante de nossa dissertação de Mestrado intitulada "Cidadania e Identidade na Sociedade Teutobrasileira: José Deeke e os embates culturais interétnicos no Vale do Itajaí", cujo eixo central é a análise das manifestações historiográficas e literárias contidas na obra do historiador e romancista José Deeke, que vinculava suas pesquisas ao trabalho de colonização e medição de terras na Colônia Hansa-Hammonia (atual município de Ibirama-SC), fundada no final do século XIX.

Numa perspectiva de análise historiográfica, procuramos abordar neste artigo a influência do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina sobre a produção da história catarinense do início do século XX.

O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina abrigava intelectuais interessados na produção de discursos que inserissem o Estado num contexto nacional, marcado pela tentativa de uniformização das diferenças culturais da Nação.

José Deeke, assim como todos os descendentes de africanos, alemães e italianos, não participava desta Academia, que procurou construir uma "História Oficial" para Santa Catarina, sob a perspectiva dos costumes luso-brasileiros, revelando uma tendência à exclusão das demais etnias.

Ao longo de todo o século XIX, que caracterizou-se pela fecundidade e diversidade da produção historiográfica, os historiadores envidaram esforços na busca por documentos e implementaram uma peregrinação às chamadas fontes



^{*} Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina - 1998.

históricas que, na abordagem positivista, significavam a matéria-prima absoluta para a escrita da História. Iniciava-se assim uma era de triunfo para os documentos!

O resultado desta "febre documental" é o despontar da Alemanha como centro cultural da Europa que, fortalecida com a organização de suas universidades, torna-se pioneira no ensino da História e dissemina suas práticas historiográficas para todo o continente europeu. A "sábia Alemanha", repleta de metrópoles intelectuais, é quem "colige, reúne, publica ou expõe, aperfeiçoa as ciências auxiliares e ensina-as àqueles que, nos seus seminários, praticam a peregrinação às fontes". \(^1\)

Os Arquivos e Museus Nacionais tornaram-se instituições articuladoras de saber e de práticas sistematizadoras da massa documental. Todavia, eram indispensáveis à guarda desta documentação, constituindo-se em laboratório dos historiadores, espaço de comprovação do saber, onde o empirismo, por intermédio do documento, transformava-se em ciência histórica.

A exemplo da Europa, os intelectuais brasileiros do início do século XIX, buscavam fazer da História a "biografia da nação", procurando assegurar às reminiscências do passado um papel determinante para legitimação e coesão do processo de escrita da história nacional.²

Foi neste contexto, marcado pela Independência do Brasil, que surgiram as primeiras manifestações da historiografia brasileira, comprometida com a questão nacional, onde "História e Historiografia, ação e pensamento, Estado Nacional e suas subseqüentes representações tornam-se componentes de um mesmo momento pleno de historicidade".³

Seguindo este pensamento, era necessário criar uma história própria, com destino independente dos parâmetros da metrópole portuguesa, garantindo a unificação da nação através de um passado que se

¹ CARBONELL, Charles-Olivier. **Historiografia**. Lisboa: Editorial Teorema, 1992. p. 99-100.

² SCHAPOCHNIK, Nelson. Letras de Fundação: Varnhagen e Alencar – Projetos de Narrativa Instituinte. São Paulo: 1992. Dissertação (Mestrado em História) USP. p. 8.

³ JANOTTI, M. Lourdes Mônaco. *O Diálogo Convergente: políticos e historiadores no início da República*. In: **Historiografia Brasileira em Perspectiva.** São Paulo: Contexto, 1998. p. 122.

pretendia singular⁴. Para tanto, era preciso desfazer a imagem de uma memória de caráter dissipado, com informações disseminadas e conflitantes, para construir, sistematizada e organizadamente, a memória histórica nacional.

Dessa maneira, surgiu a necessidade de fundar um "lugar privilegiado", uma instituição cultural que estivesse imbuída de recolher e conservar documentos, com o intuito de desvendar a gênese da Nação brasileira, inserindo-a numa tradição de civilização e progresso.

Nesse sentido, em 1838, surgiu o **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, cujo objetivo era "colligir, methodizar e guardar", para cumprir o papel de "construir a história da nação, recriar um passado, solidificar mitos de fundação, ordenar fatos buscando homogeneidades em personagens e eventos até então dispersos." ⁵

É importante mencionar que a história produzida no âmbito do Instituto Histórico era de cunho oficial, pois surgiu no interior da corte, onde as pesquisas eram financiadas pelo próprio imperador, limitando desta forma a produção científica propriamente dita, pois congregava em seu interior a elite intelectual e a elite econômica e financeira do país.⁶

No Brasil era uma "Sociedade de corte", onde o processo de escrita e disciplinarização da História acontecia dentro dos muros da academia de acesso restrito, regulamentado por critérios que passam necessariamente pela teia das relações sociais e pessoais. Nesse sentido, difere da Europa, onde o mesmo processo efetuava-se no espaço universitário, de acordo com regras específicas para o exercício da escrita da História Científica.

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro se pretendia um elemento aglutinador de todas as instituições culturais voltadas para a conservação da memória, e por isso, seus sócios trabalhavam pela construção de uma história nacional, onde os grandes vultos (heróis) e fatos singulares recebiam destaque.

⁴ SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo, Companhia das Letras, 1993. p. 99.

⁵ Idem. Ibidem.

⁶ Idem. p. 100.

Porém, com o advento da República ocorre uma proliferação de Institutos Estaduais, pois o perfil homogêneo pretendido pelo IHGB num país tão diversificado culturalmente, exigia articulações regionais.

No entanto, estes institutos possuíam intenções comuns que os identificavam: criar uma história brasileira, ou melhor, dar um passado ao país e generalizar histórias de certos grupos regionais influentes, e para privilegiar esta elite, procuraram seguir a máxima "para bem lembrar é preciso muito esquecer..."

Seguindo as idéias veiculadas pelos Institutos de São Paulo e do Rio Grande do Sul, alguns intelectuais catarinenses, liderados por José Arthur Boiteux, articularam-se para formular discursos em defesa do regional e, uniram-se em torno do "propósito de construção de toda uma memória que fosse constituindo fatos e heróis fundantes, mitos de origem que justificassem a existência de uma identidade catarinense".⁸

Surge então, em 1896, o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, num contexto marcado pelo "dilaceramento" provocado pela Revolução Federalista (1893), que abriu espaço para a produção de um discurso de reconstrução do Estado, motivado pelo emprenho de promover a integração territorial e social, que deveria convergir para o alcance da integração de Santa Catarina.

Hercílio Pedro da Luz, governador de então, ansiava por construir obras em todo o Estado, para que além de conhecer geograficamente o território catarinense, pudesse atrair imigrantes, fixando-os na terra e tornando-os úteis na luta pelo "engrandecimento" do Estado.

Nesse sentido, o IHGSC transformou-se no instrumento que responderia pela construção de uma "identidade cultural produzida a partir da perspectiva das elites locais". Para tanto, deveria responsabilizar-se em elaborar uma história "oficial" de Santa Catarina, que revelasse a formação de um estado integrado à perspectiva da modernização, tornan-

⁷ Idem. p. 136.

⁸ SERPA, É. C. A Identidade Catarinense nos discursos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. In: "As Elites Locais e a Reformulação das Condutas e das Sociabilidades em Lages durante a primeira República." Florianópolis, 1995. p. 2 (Relatório final do Projeto de Pesquisa).

⁹ Idem. p. 124.

do-se atraente e seguro para o estabelecimento de imigrantes "empreendedores".

Dessa maneira, o "momento catarinense era propício", pois a "criação de uma instituição cultural parecia uma exigência" do contexto modernizador intencionado pelas elites dirigentes.

Os Estatutos do Instituto foram aprovados em setembro de 1896 e sua finalidade estava expressa no art. 1º. da seguinte maneira:

"reunir, verificar, coligir, arquivar e publicar traduções e documentos concernentes à História, à Geografia, à Antropologia, à Arqueologia, à Etnografia e línguas indígenas da América e principalmente do Estado de Santa Catarina..."

O IHGSC apresentava como principal objetivo, reunir os documentos relacionados à História de Santa Catarina, valorizando o regional, para assim poder criar uma identidade catarinense e desta maneira aliarse aos propósitos do próprio Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ou seja, fundar uma historiografia nacional e original, porém com a peculiaridade de que os diferentes temas da História Nacional somente teriam sentido, quando interligados a um enfoque local. 12

Contudo, os temas produzidos e trabalhados no interior da Academia precisavam ser divulgados, como forma de consumar os desejos dos sócios do Instituto, em consonância com o discurso modernizador da elite. Assim, para consolidar seus estudos e publicar suas "descobertas" na área documental, os filiados ao Instituto criaram seu instrumento de divulgação, a Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, cujo primeiro número foi editado em 1902.

Sendo assim, os produtores de saber vinculados ao Instituto Histórico precisavam "consagrar" seus trabalhos, transformando as informações pesquisadas em "documento escrito", ou seja, "cientificizando" a História catarinense através do estudo de biografias de personagens

12 SCWARCZ, L. op. Cit. P. 121.

¹⁰ MEIRINHO, Jali. Os 80 anos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.
In: Revista Blumenau em Cadernos, Tomo XVIII, n. 1, Janeiro 1977, p. 4.

¹¹ PIAZZA, Walter F. Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina: estudo histórico-analítico 1896-1996. Florianópolis, UDESC/IHGSC, 1996. p. 13.

REVISTA TRIMENSAL

-- DO --

Instituto Historico e Geographico

DE

Santa Catharina

VOLUME VII--1918

1º TRIMESTRE

Assignatura annual .

4\$000

Toda a correspondencia deve ser dirigida á séde do Instituto á rua João Pinto n. 5 (sobrado)



FLORIANOPOLIS

Typ. da Escola de Aprendizes Artifices

1918

Capa da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina – 1918

ilustres e genealogias, para oficializar então a produção de uma historiografia construída por e para homens da elite, excluindo, ou melhor, "esquecendo" deliberadamente de mencionar a participação de determinadas classes no processo de construção da identidade catarinense.

Élio Serpa, indica três fases distintas à Revista do IHGSC: a

primeira de 1902 a 1920, a segunda de 1943 a 1944 e a terceira de 1979 até os dias atuais. Interessa-nos a fase de 1902 a 1920, que segundo o autor caracteriza-se da seguinte maneira:

"Evidencia algumas preocupações que denotam o interesse em criar todo um imaginário em torno da identidade catarinense (...) Ao olharmos o conjunto dos textos publicados percebe-se que de certa forma estes remontam a um passado distante, ausência de artigos que versem sobre os descendentes de africanos, alemães e de italianos. As páginas da Revista são ocupadas maioritariamente com lusobrasileiros ou com fatos dos quais estes tiveram participação. Pode-se dizer, então, que o discurso da Revista nesta fase estava construindo a identidade catarinense pelo passado de luso-brasileiros ilustres e estabelecidos no litoral." Il

Acrescente-se a isso a idéia de que, no início do século XIX, os debates em torno das teorias raciais encontraram respaldo nos intelectuais da academia, para quem os índios e negros deveriam estar excluídos do projeto de construção da Nação brasileira, por "não serem portadores da noção de civilização" qualidade exclusivamente reservada à raça branca.

No entanto, em conformidade com o objetivo de trabalhar a "história nacional como forma de unir, de transmitir um conjunto único e articulado de interpretações", os Institutos Históricos regionais recebiam orientação do IHGB para "esquecer" os "estrangeiros" na elaboração da história do Brasil, especialmente os alemães, em função do "perigo alemão".

Dessa forma, para a elite intelectual e política luso-brasileira, os alemães continuavam sendo úteis ao "progresso" da nação, porém, devido ao fato de persistirem na preservação do *Deutschtum*¹⁵ e resistirem com toda força ao "abrasileiramento", foram excluídos dos discursos re-

¹³ SERPA, É. C. Identidade Catarinense... op. cit. p. 3-4.

¹⁴ GUIMARÃES, M. L. S. Nação e Civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro o projeto de uma História Nacional. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, n. 1, 1988. p. 7.

¹⁵ Deutschtum, Germanidade ou Germanismo – expressão que caracteriza a ideologia étnica teuto-brasileira, conforme demonstra Giralda Seyferth, no livro citado na nota 16.

lacionados ao Estado.

Por outro lado, aliada a resistência à assimilação, havia a questão do uso do idioma alemão, não apenas na esfera privada, como também na comunidade escolar, intelectual e social. Fazia parte da ideologia do jornal "Der Urwaldsbote" argumentar que não havia uma brasilidade, pois "todas as outras etnias que compõem o Estado brasileiro são estrangeiras, inclusive os lusos". 16

Nesse sentido, na mentalidade teuto-brasileira, se os lusos estavam autorizados a falar seu idioma de "origem", porque eles também não poderiam requerer para si o direito de oficializar a língua alemã enquanto idioma nacional, juntamente com a língua portuguesa?

Essa insistência dos teuto-catarinenses na preservação da língua alemã respaldou a elaboração de publicações literárias próprias, voltadas para seu próprio cotidiano, construindo assim a sua visão de desenvolvimento do Estado, marcadamente enaltecedora do pioneirismo alemão para o progresso catarinense.

Decorrente da exclusão das "outras" etnias do âmbito da Academia, a região do Vale do Itajaí ficou silenciada pelos produtores do saber histórico em Santa Catarina.

Os intelectuais "germânicos" de Blumenau, mesmo que vinculados à elite política, não faziam parte do rol de sócios, conforme pudemos verificar nas listagens constantes da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

Numa confrontação de nomes, percebemos que no período de 1902 a 1920, o único nome ligado a Blumenau era de José Bonifácio da Cunha, admitido como sócio no ano de 1903.

Interessante observar que Dr. Cunha havia nascido na Bahia, onde cursou Medicina, vindo para Blumenau em 1885. Envolveu-se com a política a partir da Proclamação da República e em 1890 assumiu a Intendência de Blumenau, colocando-se enquanto fiel defensor da causa republicana. 17

¹⁶ SEYFERTH, G. Nacionalismo e Identidade Étnica. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1981. p. 69.

¹⁷ SILVA, José Ferreira da. Os Administradores de Blumenau: José Bonifácio da Cunha (1890-1892). In: Revista Blumenau em Cadernos, Tomo II, n. 12, dezembro 1959. p. 233.

José Bonifácio da Cunha era o representante de Blumenau na Assembléia Estadual, portanto, a elite teuto-brasileira vinculada ao redator do "Der Urwaldsbote", Sr. Eugen Fouquet, colocava-se contrária ao fato de ser um luso-brasileiro a representar um município de colonização "essencialmente" alemã.

Estas desavenças políticas em torno das facções "nativista", representada pelo jornal "Blumenauer Zeitung", tendo como líder José Bonifácio da Cunha, e "germanista", vinculada ao jornal "Der Urwaldsbote" através da liderança de Eugeu Fouquet, converteram-se numa guerra político-partidária.

José Bonifácio da Cunha utilizava-se do Jornal "Blumenauer Zeitung" para escrever recados políticos a Eugen Fouquet e, esta participação na imprensa, aliada à sua influência política e descendência lusitana, rendeu-lhe sua admissão como sócio no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

No entanto, não podemos deixar de mencionar que, políticos de descendência germânica, como Victor Konder e Adolfo Konder, igualmente compunham a listagem de sócios do Instituto catarinense, porém unicamente por estarem relacionados à política e seguindo a lógica elitista, vinculada às relações de poder que normalmente deveriam ser exercidas pelos sócios em âmbito estadual.

José Deeke nunca esteve diretamente vinculado ao IHGSC, apesar de uma intensa produção relacionada à História de Santa Catarina. Porém, nossa interpretação nos conduz a apontar que além da exclusão praticada pelos luso-brasileiros, havia também uma "auto-isenção" dos teuto-catarinenses da Academia, articulada propositadamente pela sua própria classe de intelectuais.

Isto ocorria em função de seu próprio "insulamento" cultural, fundamentado em sua opção particularizada de manutenção da língua alemã e dos costumes culturais herdados de seus antepassados.

Uma possível relação de José Deeke com o IHGSC deve-se ao seu contato com autores como: José Vieira da Rosa e Lucas Alexandre Boiteux, ambos ligados ao IHGSC.

Deeke consultava a bibliografia produzida pelos escritores acima citados e moldava seus trabalhos com temáticas tipicamente exploradas pelos historiadores de Instituto, a saber: regionalismos, devido sua intensa abordagem referenciando a colonização alemã; natureza, minuciosamente explorada através de rigorosa pesquisa científica; geografia, preocupação com a denominação de lugares e definição territorial dos municípios do Vale do Itajaí, através da elaboração de mapas cadastrais.

Interessante destacar que no âmbito de seu "isolamento" cultural, os teuto-brasileiros construíram sua literatura e imprensa, voltadas para seus interesses próprios e identificadas com seus parâmetros locais e concepções de mundo.

Deeke foi um destes representantes intelectuais de descendência germânica, que preocupou-se com a manutenção do *Deutschtum* e contribuiu com este projeto, através de sua produção histórico-literária, abordando temas essencialmente voltados ao Estado de Santa Catarina.

Dessa maneira, José Deeke estaria mostrando aos lusos que, entre os alemães também havia elementos capacitados para a produção historiográfica, reforçando assim, o ideal teuto-brasileiro de preservação da cultura alemã e exercício da cidadania brasileira.

Aos teutos, Deeke dedicava-se àquilo que podemos considerar função "pedagógica", ou seja, descrevia detalhadamente práticas quotidianas, muitas vezes obtidas a partir das experiências adquiridas no exercício de sua função como "Diretor de Colônia", com o objetivo claro de incutir nas mentalidades, especialmente dos jovens, idéias identificadas com a cultura dos "antepassados" revelando em suas obras uma predisposição a "ensinar" a prática da cidadania.

Acrescentamos ainda que os discursos do IHGSC procuravam por uma identidade catarinense, fundamentada no passado de descendentes luso-brasileiros, com o objetivo de estabelecer uma História "oficial" do Estado, construída pelo viés da "unificação" do povo catarinense, todavia, através da exclusão das etnias africanas, alemãs e italianas, que também tiveram sua parcela de participação na formação do Estado.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

CARBONELL, Charles Olivier. **Historiografia**. Lisboa: Editorial Teorema, 1992.

- CORRÊA, Carlos Humberto. Restauração Republicana e o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. In: Diário Catarinense/Diário de Cultura. Florianópolis, 05/nov./1994.
- GUIMARÃES, M. L. S. Nação e Civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro o projeto de uma História Nacional. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, n. 1, 1988.
- JANOTTI, M. Lourdes Mônaco. O Diálogo Convergente: políticos e historiadores no início da República. In: **Historiografia Brasileira em Perspecti**va. São Paulo: Contexto, 1998.
- LEONZO, Nanci. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a construção da História Nacional. In: Revista SBPH, São Paulo, 1986.
- MEIRINHO, Jali. Os 80 anos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. In: Revista Blumenau em Cadernos, Tomo XVIII, n.1, Jan. 1988.
- MÜLLER, Sálvio A. Cultura e Identidade dos descendentes de alemães: uma identidade-problema? In: Revista Blumenau em Cadernos, Tomo XXXIX, n. 8, ago.1998.
- PIAZZA, Walter F. Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina: estudo histórico-analítico 1896-1996. Florianópolis, UDESC/IHGSC, 1996.
- SCHAPOCHNIK, Nelson. Letras de Fundação: Varnhagen e Alencar Projetos de Narrativa Instituinte. São Paulo: 1992. Dissertação (Mestrado em História) USP.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo, Companhia das Letras, 1993. p. 99.
- SERPA, Élio C. A Identidade Catarinense nos discursos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. In: "As Elites Locais e a Reformulação das Condutas e das Sociabilidades em Lages durante a primeira República". Florianópolis, 1995. Relatório (projeto de pesquisa).
- SILVA, José Ferreira da. Os Administradores de Blumenau: José Bonifácio da Cunha (1890-1892). In: Revista Blumenau em Cadernos, Tomo II, n. 12, dezembro 1959.
- WOLFF, Cristina Scheibe. *Historiografia Catarinense: uma introdução ao debate*. In: **Revista Catarinense de História.** Florianópolis: Terceiro Milênio, n. 2, 1994.

Pesquisas & Pesquisadores

O Esquecimento do grupo étnico germânico de Lages

TEXTO:

JUÇARA SOUZA CASTELO BRANCO*

PROF. JOÃO KLUG**



Iniciar a investigação dos motivos que levaram o grupo étnico germânico de Lages ao esquecimento pela história catarinense e até mesmo pela própria história lageana é o objetivo deste artigo.

Lages contou com a presença do grupo étnico germânico desde a metade do século XIX, como sinalizamos em artigos anteriores da Revista Blumenau em Cadernos¹.

A princípio, entendemos que o grupo étnico germânico de Lages é absolutamente distinto dos demais grupos éticos germânicos de Santa Catarina, por dois motivos básicos: primeiro, é formado por alemães e seus descendentes, moradores de antigas colônias alemãs do Estado catarinense. Eles não tinham terras em quantia suficiente para oferecer sustento para a família que crescia, com a chegada de novas gerações. Segundo, é composto por pessoas naturais da Alemanha, geralmente profissionais técnicos ou liberais, que deixaram o seu país natal por motivos políticos ou ideológicos, entre o fim do século XIX e a década de 30 do século XX.

Entendo que este grupo não foi estudado até o momento por vários motivos. Em primeiro lugar porque a história de Lages foi bastante relevante no plano político para o Estado de Santa Catarina. Segundo Carlos Humberto Corrêa:

"Cabia a Lages (...) no planalto, o título de 'capital política' de Santa Catarina, pela tradição de seus representantes e laços afetivos

^{*} Juçara de Souza Castello Branco, acadêmica do Curso de História da UFSC e bolsista do PIBIC/CNPq

^{**} João Klug, professor orientador. Professor do Departamento de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Estado de Santa Catarina.

¹Abrasileiramento alemão nos campos de Lages, nesta revista, Tomo XXXVIII - N. 07 - Julho 1997, p. 15 a 22 e "O grupo étnico germânico de Lages", também nesta revista, Tomo XXXIX - N. 01 - Janeiro 1998, p. 13 a 21.

com o Rio Grande do Sul e pelo fato de ter dado dois governantes para o Estado durante a 1º República: Felipe Schmidt, que governou duas vezes, lageano, mas só de nascimento, pois toda sua vida vive fora daquela cidade e Vidal Ramos, que ao contrário de Schmidt nunca deixou seus laços de parentesco e interesses econômicos na região (...) Lages, portanto, talvez mais que Florianópolis, era o Baluarte político catarinense (...)²."

A historiografia lageana, nas obras Otacílio Costa³, Idalécio Arruda⁴, Asdrubal Guedes⁵, Licurgo Costa⁶, Agílio R. Lima⁷ voltavam seus olhos sobre a família Ramos, que se manteve no poder por várias gerações, por um período de aproximadamente oitenta anos. Ainda hoje esta família é lembrada pelos lageanos com 'veneração', como o 'Suplemento Especial - Aniversário de Lages' de 22 de novembro de 1997, narra a respeito da importância de um dos membros desta família, Nereu Ramos, para a cidade:

"O maior político da história de Lages ocupou em duas oportunidades uma cadeira no senado nacional. (...)

O fato de ser considerado por muitos como uma das maiores autoridades nacionais em direito constitucional, valeu a Nereu Ramos a indicação como presidente da comissão que elaborou a nova constituição brasileira (1946)."8

A economia também chamou a atenção com o ciclo do gado:

1 0

² CORREIA, Carlos Humberto. Um Estado entre duas repúblicas; a revolução de trinta e a política em Santa Catarina, até 35. Florianópolis: UFSC: Assembléia Geral Legislativa de Santa Catarina, 1984. p. 27, Apud.: SERPA, Élio Cantácilio. Igreja, Elites dirigentes e Catolicismo Popular em Desterro/Florianópolis, Laguna e Lages - 1889-1920, USP. 1993. p. 175

³ COSTA, Otacílio. <u>História de Lages</u>. (apontamentos). Conferência pronunciada no Dia do Município, 1°. de Janeiro de 1944. Salão de Honra do Pálacio Municipal. Rio de Janeiro: Edição do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, 1944

⁴ ARRUDA, Idalécio. <u>Lages.</u> Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, 1960

⁵ GUEDES, Asdrubal. <u>Lages - História, Atualidade, Símbolo</u>. Lages: Müller Editora e Gráfica Ltda, 1979.

⁶ COSTA, Licurgo. O Continente das Lages - sua história e influência no sertão de terra firme. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982

⁷ LIMA, Agílio R. <u>Vultos da História Lageana</u>. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1994

⁸ Aniversário de Lages - Suplemento Especial, 22 de novembro de 1997. Acervo da autora.

"Até a década de 40, a cidade de Lages, sede religiosa e administrativa, estruturava seu cotidiano e sua economia numa relação de estreita vinculação com as atividades da pecuária extensiva."9

E com o ciclo da madeira:

"Década de 40, com o início da exploração da madeira que se estende até meados da década de 60. Período de grande circulação de pessoas, mercadorias, dinheiro e expansão dos limites da cidade."10

Em segundo lugar, o grupo étnico germânico de Lages era pequeno, em relação ao tamanho da população lageana, e relativamente desarticulado. Esta desarticulação é um ponto que nos chama a atenção.

João José Rath, chegou no Brasil como agrimensor recem-formado, vindo a exercer a função de advogado e cônsul alemão em Lages, antes da Primeira Guerra Mundial, quando retirou-se para Torres, no Rio Grande do Sul, por motivos políticos/ideológicos. Ele veio para o Brasil na companhia do irmão que havia lutado na guerra franco-prussiana e fora contratado pelo exército brasileiro para aplicar técnicas militares no Rio Grande do Sul. Segundo seu neto, João Rath de Oliveira:

"Eles (avô e tio-avô) vieram para ficar." 11

Maria Luiza Suiter Aquino, filha de José Suiter afirma sobre seu pai: José Suiter adotou o Brasil como sua pátria e Lages como sua cidade natal, onde viveu por mais de cinquenta anos."12

Sua mãe, Clara Schottehaml, natural da Alemanha, nunca quis retornar para o seu país natal e como seu marido, também se sentia bem morando em Lages. José Suiter, natural de Tutzing, Alemanha, era formado pela Elektro-u Maschinen-Ingenieur-Abteilung des Technikum Mittweida. Ele encontrava-se descontente, na Alemanha, por situações que havia passado com os judeus. Isto o motivou a ir para a Argentina, onde trabalhou como montador de moinhos na firma Geiger Zublin & Cia Ltda. Em 1908 deixou este trabalho e veio para o

⁹ PEIXER, Zilma Isabel. A princesa da Serra. Entre a cidade ideal - cidade memória - cidade vivenciada. In: Revista da Memória. Lages: Fundação Cultural de Lages, 1996, p. 48

¹¹ João Rath de Oliveira. Entrevista realizada em Lages, em 13/01/1998. Acervo da autora.

¹² Maria Luiza Suiter Aquino. Entrevista realizada em Lages, em 15/10/1998. Acervo da autora.

Brasil. Segundo o filho de José Suiter, João, em Florianópolis ele ouviu duas pessoas conversando sobre a venda de gado:

"O comprador para concluir o negócio pediu um recibo e o tropeiro tirou um fio de seu bigode entregando a ele dizendo: toma, este é o meu recibo. Meu pai pensou: 'Se um fio de bigode vale um recibo, ele deve vir de uma terra de gente muito honesta'. Descobriu que era lageano e decidiu vir para cá."¹³

Durante o tempo que morou em Lages, José Suiter foi o construtor da primeira fonte de luz elétrica da cidade, vindo a disputar com Frederico Guilherme Busch, que veio de Blumenau, a primeira concorrência pública, em 1916, para iniciar a instalação de rede elétrica na cidade. Ele trabalhou como mecânico, construindo muitas vezes as peças artezanalmente; ajudou a construir a catedral, instalando os sinos e pára-raios; construiu elevadores para transportar refeições no Hospital e Colégio das Irmãs da Divina Providência; além de concertar máquinas de costura, fazer encanamentos e inúmeras outras coisas. A casa e a oficina de José Suiter ficavam no Bairro do Guadalupe, vizinhando com João Daum, proprietário de uma marcenaria, e Agostinho Koerich, dono de um armazém.

Além de João Daum e Agostinho Koerich, muitos outros imigrantes trabalharam no comércio de Lages no início do século. Nas palavras de João Rath de Oliveira:

"O lageano era dedicado, sempre mais à pecuária e alguns à agricultura." 16

Ele lembra que em seu tempo de juventude o único comércio de lageano era a Casa Andrade, as demais casas comerciais eram de gente que vinha de Santo Amaro ou de outros lugares do litoral. Ele lembra a trajetória de um destes homens de negócio. Paulo Brering veio de Santo Amaro. Ele tinha um grande armazém nos Índios, que na ocasião pertencia ao município de Lages. Depois entrou para o ramo madeireiro e posteriormente passou a comercializar automóveis.¹⁷

¹⁵ Correio Lageano, domingo, 26 de outubro de 1997, p. 3. Acervo da autora.

17 Ibidem

¹³ Correio de Lages, sábado, 25 de outubro de 1997, p. 10. Acervo da autora.

¹⁴ Ibidem, p. 10

¹⁶ João Rath de Oliveira. Entrevista realizada em Lages, em 13/01/1998. acervo da autora.

Com a chegada de produtos 'modernos' surgiram lojas como a Relojoaria Speck, fundada em 1924 por Ervin Speck, vindo de Blumenau; Casa de Paulo Baier; Armazém de secos e molhados de Mário Grant, que veio a ser o primeiro presidente da Associação Comercial de Lages em 1922; Papelaria de Ewaldo Schaefer que vendia de tudo, relógio portátil e de parede, máquina de moer carne, máquina de costura, além de todo tipo de novidade que pudesse seduzir os compradores lageanos.

Os produtos dessa época eram mais duráveis, mas também estragavam. Era neste momento que entrava em ação gente como Walter Stalke e Leo Kloch. Este último também era chefe da instalação elétrica das ruas da Força e Luz. Eles faziam de tudo, desde o concerto até a confecção das peças utilizadas para restaurar os objetos. Suas oficinas eram cheias de todo tipo de peças. Em mesmas condições se encontravam Walter Schlegel, estofador; Rudolf que fabricava tijolos e telhas, cortava madeira e fabricava móveis, além de fabricar caixões; Frederico Hartun, mecânico e funileiro; Guilherme Laewig, fabricante de móveis e outros. 18

Estes homens encontravam-se em Lages, acompanhados de suas esposas e filhos. Eles puderam viver nesta sociedade sem maiores problemas. Mas, como todo e qualquer alemão ou seu descendente, eles também passaram por situações difíceis causadas pela Primeira e Segunda Guerra Mundial.

Danilo Thiago de Castro conta que os alemães se reuniam para tomar cerveja e conversar, em sua língua materna, num bar que ficava onde atualmente se encontra a loja Graziotin, na Rua Correia Pinto, esquina com a Rua Caetano Viera da Costa. Durante a Primeira Guerra Mundial a imprensa os intitulava de 'boches' 19. Neste período não aconteceu nada de mais grave além de um ou outro exaltado, mas durante a Segunda Guerra as coisas mudaram de figura.

Em 1937 Getúlio Vargas elegeu Nereu Ramos, um legítimo lageano, interventor do Estado de Santa Catarina. Quando o Brasil uniu-se aos Aliados vindo a declarar guerra à Alemanha, os poucos alemães que se encontravam na cidade foram motivo de no mínimo 'severa observação'.

Alice Mendonça, filha de João Mário Mendonça, natural de Portugal e Ruth Scholz Mendonça, natural da Alemanha, conta que as crianças cantavam na escola em tom de gozação, apontando para ela:

1

¹⁸ Ibidem

¹⁹ Danilo Thiago de Castro. Entrevista realizada em Lages, em 13, 14 e 16/01/1998. Acervo da autora.

"Segunda, terça, quarta, quinta coluna, quinta coluna, quinta coluna..." 20

Ela também lembra que durante os difíceis anos de guerra seu pai trabalhou de taxista. O carro dele era menos elegante do que os outros táxis da praça, por isso ele freqüentemente fazia corridas para a área rural, coisa que os outros não gostavam de fazer. Nestas corridas, algumas vezes ele escutou as pessoas tramando alguma armadilha contra os alemães residentes na cidade de Lages. Sem que ninguém ficasse sabendo, ele avisava os amigos alemães da famiília para que eles pudessem se previnir do que vinha pela frente.

Elizabeth Feldhaus Martinhago passou por experiência semelhante, quando aos sete anos de idade, durante a comemoração de 7 de setembro, na escola, a professora lhe deu um safanão e disse:

"Canta, sua quinta coluna"21

O caso de Maria Luiza Suiter Aquino foi mais complicado. Seu pai a tirou da escola na oitava série por justificado medo de represália. Mais tarde ele próprio e outros alemães de Lages foram retirados de suas casas pelo exército para irem trabalhar na estrada. Eles ficaram alguns meses neste exílio sob o pretexto de estarem sendo protegidos de perseguições, segundo João Rath de Oliveira²², Maria Luiza Suiter Aquino²³ e Alice Mendonça²⁴. Mas afinal de contas, onde é que um chefe de família deve estar durante um tempo ruim que não seja ao lado de sua família, oferecendo proteção e amparo, já que sua esposa e filhos em alguns casos também eram alemães?

Concluindo este artigo, deixamos claro que ainda existe muito a ser pesquisado sobre o grupo étnico germânico de Lages, que também faz parte da história desta cidade. Neste sentido, nossa pesquisa continua.

-

²⁰ Alice Mendonça. Entrevista realizada em Lages, em 16/01/1998. Acervo da autora.

²¹ Elizabeth Feldhaus Martinhago. Entrevista realizada em Lages, em 12/02/1998

²² João Rath de Oliveira. Entrevista realizada em Lages, em 13/01/1998. Acervo da autora.

²³ Maria Luiza Suiter Aquino. Entrevista realizada em Lages, em 15/01/1998. Acervo da autora.

²⁴ Alice Mendonça. Entrevista realizada em Lages, em 16/01/1998. Acervo da autora.

Burocracia & Governo

Excelentíssimas Autoridades Civis, Militares e Eclesiásticas,

Minhas Senhoras, Meus Senhores.

Não cessam as preocupações da Admistração Municipal quanto ao problema da assistência social.

Ampliam-se, ano a ano, os serviços de socorro a pessoas menos favorecidas pela sorte. Em virtude desse desenvolvimento, tem o Governo aumentado e dotado o aparelhamento do Hospital "Santo Antônio" dos elementos necessários, em pessoal e em instalações, para que esse nosocômio corresponda às exigências do crescimento da cidade, de modo a dar mais eficiência às suas finalidades de atendimento a todos que recorrem aos seus serviços.

O Hospital "Santo Antônio" é, assim, hoje, uma instituição hospitalar que pode orgulhar todos os blumenauenses pelas suas instalações e ótimos serviços que vem prestando essencialmente à nossa população humilde.

Mantém a Prefeitura também, junto a esse Hospital, uma moderna ambulância, cuja aquisição foi feita com a cooperação do generoso povo blumenauense, por intermédio do Rotary Clube de Blumenau, e que vem atendendo com intensidade cada vez maior a todos os chamados de urgência e prestando os primeiros socorros em caso de acidentes.

Inauguração do Asilo de Velhos (04/9/1954)*

TEXTO:

HERCÍLIO DEEKE



^{*} Discurso proferido por Hercílio Deeke, Prefeito de Blumenau, no ato de inauguração do Asilo de Velhos de Blumenau, em 04 de setembro de 1954.

O Asilo para os velhinhos solitários e que necessitam de assistência, achava-se ainda instalado em um prédio velho, de enxaimel, à Rua Itajaí, nas imediações do Hospital "Santo Antônio" e mandado construir já em 1877 pelo fundador da cidade, Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau.

Em vista do precário estado desse prédio e do número de asilados cada vez maior, atualmente já em número de 49, tornava-se necessário ampliá-lo ou transferi-lo para outro local, mais adequado, onde os velhinhos tivessem acomodações amplas, arejadas e higiênicas, com o conforto que bem merecem. Por este motivo, escolhemos e resolvemos transferir o asilo para este local, porque aqui se tornava mais fácil proporcionar aos velhinhos sem lar um ambiente aprazível que lhes desse a impressão de se acharem num lar familiar, com possibilidade também de dedicar grande parte do seu tempo em atividades de sua preferência, acostumados no seio de sua família, quer na horta quer na criação, e lhes dando ainda a satisfação de serem úteis no centro em que irão viver.

É este um antigo prédio municipal, onde funcionava, há anos atrás, uma escola agrícola, cujas atividades foram encerradas durante a administração do Sr. Frederico Guilherme Busch Jr., por sugestão da então Câmara de Vereadores, em virtude dos resultados negativos que produzia e de outras circunstâncias que aconselharam o seu fechamento.

Ao assumir o Governo do Município em 1951, encontrei esta propriedade em estado de completo abandono e ainda invadida por intrusos. Tratei, por isso, desde logo, de restaurá-la e destiná-la a qualquer fim útil, mesmo que fosse para uma escola agrícola, para um abrigo de menores ou para outra instituição semelhante. Aconteceu, entretanto, que se tornava indispensável criar outro Asilo de Velhos pelas razões que acabei de citar e foi por isso que, de comum acordo com a Câmara Municipal e os próprios Amigos de Blumenau que se interessavam pelas obras de assistência social da Municipalidade, ficou decidido adaptar-se este prédio municipal para a instalação do novo Asilo de Velhos, com uma granja anexa, destinada a abastecer, com a sua produção, o próprio Asilo e também o Hospital "Santo Antônio".

Assim, já há mais de dois anos, trabalhamos, com intensidade, na restauração desta propriedade, pois que não foram poucos os trabalhos aqui realizados. Os prédios se achavam em estado deplorável. Chovia pelos telhados, já não havia vidraças nas janelas e todos os prédios sofriam, assim, as consequências de lenta decomposição. Não mais existia lavoura e a terra se achava coberta de densa capoeira e invadida por ervas daninhas. As árvores frutíferas existentes estavam prestes a sucumbir pelo mato que as envolvia cada vez mais. Diante dessa situação, havíamos mesmo chegado à conclusão de que melhor seria demolir todos os prédios existentes e executar nova construção, de alvenaria e de acordo com as necessidades do asilo previsto. Todavia, os meios escassos da Prefeitura e as grandes necessidades do município em outros setores, que também reclamavam o emprego de enormes verbas, fizeram com que resolvêssemos aproveitar os prédios existentes e, diante do resultado que aí temos, julgo que andamos bem. É bem verdade que tudo teve de ser renovado - os telhados substituídos, construídas novas instalações sanitárias e instalações anexas. Foram renovadas as demais casas existentes na propriedade. Construíram-se estábulos, ranchos e galinheiros, preparouse a terra para lavoura, aumentou-se o pomar, adquiriu-se gado leiteiro, cavalos e carroças, e montaram-se, afinal, instalações completas para bem atender as criações e a produção agrícola e, aí estão, hoje, um asilo que orgulha o Município, e um verdadeiro modelo de granja capaz de suprir, com a sua produção, as nossas instituições de caridade.

Gastou-se, com tudo isso, até agora, a apreciável quantia de Cr\$ 516.578,80 e para cuja despesa contribuiu o Rotary Clube de Blumenau com a importância de Cr\$ 103.947,60, angariada em louvável campanha desenvolvida em favor desta útil e humanitária instituição, e ainda a renda de Cr\$ 35.734,20 obtida com a alienação de um terreno que a Prefeitura possuía junto ao Centro de Saúde. Cabe, portanto, manifeste o Governo Municipal, nesta oportunidade, mais uma vez, o seu reconhecimento por tão nobre gesto do Rotary Clube que em muito veio facilitar as obras iniciais deste empreendimento.

Embora ainda em fase de instalação, o estabelecimento já conta com 13 asilados, sendo a sua capacidade de 54 leitos. Não dispondo ainda esta nova casa de pessoal, material e aparelhamento suficientes para receber velhinhos doentes, a grande maioria dos internados no antigo asilo, em número de 36, não foi transferida para aqui. Muitos deles já se habituaram à permanência junto ao hospital e ao carinho com que aí são tratados pelas Revdas. Irmãs de Caridade da Ordem Franciscana de

São José e, outros, não poderiam ser acolhidos nesta casa por necessitarem seguidamente de assistência médica. Desta forma são recebidas, por enquanto, apenas as novas internações neste estabelecimento, permanecendo, por isso, também o antigo asilo junto ao hospital, pois que este dificilmente poderá ser suprimido pelas circunstâncias relatadas. As internações se processam em condições variadas. São gratuitas somente para cidadãos blumenauenses, sem recursos e desamparados.

Não obstante entregue, hoje, o novo asilo à sua elevada finalidade, ainda é necessário se continue a completar e melhorar as suas instalações. Faço, pois, sinceros votos que esta instituição venha a desenvolver-se para o futuro dentro dos ideais que nos orientaram na sua instalação e, principalmente, que os futuros governantes do município venham dedicar à sua manutenção o carinho e zelo que merecem as instituições de caridade e de caráter humanitário, cuja existência são a expressão e o testemunho da cultura e dos altos foros de civismo de um povo.

Dando, portanto, por inaugurada esta obra, tenho a honra de convidar o Ex.mo Sr. Presidente do Rotary Clube de Blumenau para desenlaçar a fita inaugural.



Asilo São Simeão

Crônicas do Cotidiano

Histórias da Minha Avó*

TEXTO:

URDA ALICE KLUEGER* Minha avó não tinha dentes. Eu passei a conviver diariamente com ela quando ela tinha se tornado irremediavelmente velha, aos setenta anos, e ela me fascinava por ser um poço sem fundo de histórias para contar, e também pelo fato de não ter dentes.

Minha avó ensinou-me coisas estranhas. Por exemplo, no começo do verão, naquelas maravilhosas tardes de começo de verão em que as vagens e os pepinos estavam começando a formar os frutos no nosso quintal, minha avó fazia coisa estranhíssima: colhia um pequeno pepino ainda em formação, tenro pepino de casca verde, e sentava-se à sombra, numa grande pedra que havia em nosso jardim. Com uma faca afiada, ela ia cortando o pepino em finas fatias translúcidas, com casca e tudo, e punha-se a mascálas. É claro que eu não arredava do pé dela, totalmente fascinada por aquela pessoa estranha que comia pepino sem sal e sem vinagre, e COM CASCA!, e podia ficar por horas acocorada perto dela, a espiar como suas gengivas sem dentes mascavam as finas fatias de pepino, que ela saboreava com tanto prazer. É claro que em pouco tempo eu também comia pepino do mesmo jeito que ela, e aquele é um gosto que ainda hoje tenho na boca, de tão bom que era!

Nas amenas tardes do começo do calor, minha avó, além de me dar o espetáculo das suas gengivas desdentadas trabalhando, me deu o incomensurável presente das suas histórias.

Ela chegara ao Brasil prestes a fazer sete anos, oriunda da Lituânia, que a gente não sabia bem onde era e ela dizia que era na Rússia. Hoje sei muito bem que a Lituânia é, de novo, um país soberano, depois da dissolução da União Soviética, mas, naqueles idos de 1960, a Lituânia era apenas um lugar nebuloso na minha geografia pitoca, que, de cer-



^{*} Escritora e membro da Academia Catarinense de Letras.

to, só existia nas histórias da minha avó.

Ela se lembrava muito bem de como as coisas eram lá, e aquilo era muito mais empolgante do que qualquer livro com histórias de fadas, ainda mais contado por ela, a comer pepinos com casca com as suas gengivas vazias.

Do que ela se lembrava? Do inverno, com certeza a coisa mais marcante que guardara da sua primeira pátria. No inverno, andava-se de trenó por cima de muito gelo e, se se jogasse para cima um punhado de água, com a mão, a água caía transformada em pedrinhas de gelo. Eu a ouvia contar totalmente fascinada; daria qualquer coisa para conhecer um lugar assim, onde eu poderia produzir o meu próprio granizo o inverno inteiro, e não teria que esperar pelos raros granizos que já vira na minha terra de Blumenau.

Nem tudo tinha sido fascinação nos invernos de gente pobre da Lituânia no final do século passado, claro que não. A família da minha avó morava em casa exígua, que tinha como peça e/ou objeto principal o que ela chamava de forno. Considerando que ela nunca aprendeu corretamente o português, eu creio que com "forno", ela queria dizer lareira. Era em torno desse "forno" que a vida da família decorria no inverno. Dormia-se em torno dele; degelavam-se diante dele os repolhos e as batatas das parcas refeições, repolhos e batatas contados e recontados, para que durassem até o final do inverno, sempre mais escassos conforme se adiantava.

E no forno, pensam que havia farta lenha para as chamas crepitantes? Nada disso, a lenha era racionada, o governo lituano só permitia que cada família cortasse pequeno trecho de floresta por ano, insuficiente para o calor na época das grandes neves. Era mister secar todo o esterco do gado e armazená-lo para queimar quando a lenha acabasse.

O mais incrível de tudo o que minha avó contava, porém, era sobre as visitas. Se fizesse ou recebesse visitas, ficava implícito que os visitantes trariam sua própria comida, já que o anfitrião não tinha que oferecer a uma boca a mais. Seria isso possível, em algum lugar do mundo? Esse fato ficava além da minha imaginação de menina criada em terra de fartura, e para exorcizá-lo, eu ia correndo buscar grossa fatia de pão de casa com manteiga e mussi de banana, o quitute preferido da minha infância. Enquanto eu mastigava o meu pão com mussi, minha avó, placidamente, continuava mascando suas finas fatias de pepino novo, a olhar, lá atrás dos morros, o sol que se escondia.

Minha avó não tinha dentes. Mas como ela sabia contar histórias!

Verbetes para a História Catarinense

Ainda Verbetes de 98

Texto:

THEOBALDO COSTA JAMUNDÁ*

ELUI GERTAL

1. RARO MEMORIALISTA

Exagerada humildade e tão forte que prejudica a identificação da autoria: nem o nome tem na capa do livro. O livro é de pobre arte tipográfica no todo. A matéria constituinte do discurso é rica e provocante de leitura. Estava o livro entre outros nas estantes de livros usados e com o preço de quilo e meio de aipim. Tomei-o para o meu interesse, motivado pelo título: "Agrolândia nossa terra, nossa gente". Comunicou-me o prefácio de poucas linhas, assinado pelo prefeito municipal Dieter Erhard Grimm, que muitas vontades quiseram a obra escrita de Agrolândia, SC. E a tiveram em março de 1991 sem o nome do autor aparecer no contexto da capa. E por quê todo livro tem autor ou autores, este de micro-história e com valor intrínseco comparado aos melhores, de certo tem o seu.

Está na "Apresentação": a incumbência de escrevê-lo seria de Otto João Clebsch com Ewald Kress. - Otto foi chamado por Deus, inesperadamente, e Ewald assumiu a responsabilidade que o faz aparecer com título na bibliografia catarinense. Mostra-se o escritor que estava oculto.

A sensibilidade de caçador de aspectos caracterizadores da paisagem humana de Agrolândia, SC., é responsável no escritor das 258 páginas, sendo 116 em português brasileiro e 142 em alemão, nestas estão as ilustrações. E ele mesmo, Ewald Kress, informa que mereceu a significante colaboração do pastor emer. Horst Helmut Bergmann, na tradução do alemão para o português.

^{*} Sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e Cadeira nº. 5 da Academia Catarinense de Letras e benemérito da Fundação Cultural de Blumenau.

É salientável neste livro a matéria que está regida sob o título: "Linguagem da Colônia". Opina Ewald que é linguagem resultante do alemão e do português brasileiro. Entende-se que não é uma novidade, e apenas do território de Agrolândia. No meu tempo de inspetor escolar em Blumenau de José Ferreira da Silva (1940 e 1941) percebi a sua ocorrência. E também além doutras referências bibliográficas indico a quem interessado esteja: (1) "Transformações da Língua Alemã no Brasil", de Carlos H. Oberacker Jr. In: "Revista de Antropologia", v. 5, nº. 1, junho 1957. Universidade de São Paulo. Fac. Filosofia, Ciências e Letras; (2) "Falares Alemães no Rio Grande do Sul", de Walter Koch. Edições URGS, 90 páginas. Noves fora às considerações tome-se com valor maior a pesquisa feita por Ewald Kress em Agrolândia com os exemplos de 112 provas do vocabulário híbrido. O destaque vai para ele porque outros autores de histórias municipais (na banda das águas itajaís), nem de leve tocaram no assunto.

Ewald Kress no seu "Agrolândia Nossa Terra, Nossa Gente" referencia com felicidade o tão injustamente esquecido, Gustav Arthur Koehler (1875-1945). Referenciando insinua que a desapropriação da Estação Agropecuária de Rio Morto causou-lhe mágoa. É de se concordar que a personalidade do líder não aceitou ser dispensado dos fazeres e quefazeres: nenhum admite a estagnação. Entretanto se leve em conta que o referido centro de estimulações técnicas ao produtor rural, estava desativado quando foi desapropriado. Pese-se que a desapropriação visou na área física e nos imóveis ser instalado órgão do Ministério da Agricultura, com todos os serviços de Posto Agropecuário sob a responsabilidade de engenheiro-agrônomo. Mais próprio é raciocinar que a desapropriação homenageou e reconheceu as atividades antes praticadas por G. A. Koehler, na Estação Agropecuária em Rio Morto: com boa vontade se pode entender ter existido na desapropriação uma ação administrativa revitalizadora. Atualizou-se a assistência técnica ao produtor rural. Que a atualização aconteceu prova da evidência, é que no terreno do Posto Agropecuário, funcionou o Posto de Inseminação Artificial com programa do melhoramento de raças leiteiras bovinas. E sobre este o interessado procure a coleção do "Jornal de Ibirama", que, ao tempo do jornalista Hercílio Isolani, publicou sumariado dados históricos.

O assunto da desapropriação aqui focalizado apareceu na reunião envolvidos com a produção leiteira. Na mesma representei o prefeito de Indaial. Convocada a reunião pelo secretário da Agricultura do governo

Udo Deeke¹ contava com a presença do engenheiro agrônomo Afonso Maria Cardoso da Veiga². Manifestei que o Governo de Indaial optava por providências zootécnicas de melhoramento do rebanho leiteiro: a proposta foi tomada como significante e exeqüível. E os dois engenheiros blumenauenses, Udo e Afonso assumiram-na. Como se vê não existiu qualquer palavra de desvalor ao feito e reconhecido pelo líder rural G. A. Koehler. E mais ainda: o governo de Indaial homenageou-o dando o seu nome à via pública, na área urbana chamada "Rio Morto". E outra informação: os meus livros "Indaial" (1943) e "O Itajaí-açu e Outras Águas" (1945) foram impressos nas Oficinas instaladas com a livraria em 1900, exatamente, por G. A. Koehler. Na minha banda e no meu espaço a sua memória é preservada como o faço aqui.

2- Fundação Odebrecht recebe prêmio³

"A Fundação Odebrecht acaba de receber, em Londres, do Global Business Council on HIV/Aids (organismo criado há dois anos pela ONU), o Prêmio de Excelência Empresarial, que visa a incentivar e destacar em todo o mundo experiências empresariais bem-sucedidas na área de prevenção e combate à AIDS. O trabalho premiado consiste num programa de educação sexual que o grupo Odebrecht desenvolve em escolas públicas de três estados brasileiros (Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais).

Iniciado há dois anos, o projeto já beneficiou 118 mil alunos de 5^a. a 8^a. séries. No Rio, está presente em 34 bairros, em parceria com as secretarias municipais de Educação e de Saúde e com uma organização não-governamental, o Centro de Educação Sexual (Cedus). Nos 34 núcleos, o programa da Odebrecht já atendeu 27 mil jovens.

O Prêmio de Excelência Empresarial foi recebido pelo diretor da Odebrecht na Inglaterra, Luiz Felipe Carneiro. Segundo ele, o trabalho premiado consiste em conscientizar os adolescentes em questões como afeti-

¹ O Engenheiro civil **Udo Deeke** foi interventor federal em Santa Catarina e o seu governo durou de 05/02/1946 até 26/3/1947:

² O Engenheiro Agrônomo Afonso Maria Cardoso da Veiga foi chefe da Inspetoria do Fomento Agrícola em Florianópolis.

³ Publicado no Jornal do Brasil - Quarta-feira, 25 de novembro de 1998.

vidade, gravidez na adolescência e doenças sexualmente transmissíveis, tudo através de técnicas que recorrem à dinâmica de grupo, filmes, encenações teatrais e jogos. Pedagogicamente, a grande novidade do trabalho desenvolvido pela Odebrecht está em transformar o aluno no protagonista principal do projeto.

Criada há 33 anos, a Fundação Odebrecht não tem fins lucrativos e foi escolhida entre centenas de instituições que se credenciaram para disputar o prêmio. O presidente de honra do Global Business Council on HIV/Aids é o presidente da África do Sul, Nelson Mandela, cuja efígie aparece na medalha concedida à Fundação Odebrecht."

Imagina-se o orgulho blumenauense mui competentemente, assumido: o primeiro Odebrecht no Brasil teve domicílio e residência ali onde hoje é a Rua Maravilha: lá tem um bosque que ele, Emil, plantou junto com Bertha. Do casamento deles em 1864 nasceu o primeiro filho, Edmund. Este casou com Cecile Altenburg. Edmund foi o cotilédone dos Odebrecht brasileiros. Ele com Cecile tiveram Emílio (1894) que fez casamento com Herta Hinsch, e é deles que nasce Norberto num subúrbio recifense chamado Encruzilhada, exatamente, em 1920. Emílio era mestre d'obras na construção da ponte Maurício de Nassau: esta era construída na engenharia de cimento armado, especialidade que o genial primo de Emílio, o engenheiro civil Emílio Baumgart (Blumenau, SC., 1889) - introduzira no território brasileiro. O Odebrecht pernambucano Norberto se torna engenheiro civil pela Escola Politécnica da Bahia e assim é o fundador da empresa denominada "Organização Odebrecht". Logo depois de chegar aos 70 anos, resolveu em 1991, passar para o filho Emílio Alves Odebrecht, o cargo de diretorpresidente do aglomerado que à época reunia 34 empresas.

Encontrar-se o nome Emílio em tantos, é a prova de conseqüente homenagem à memória do alemão Emil Odebrecht (Prússia Oriental, 1835 - Blumenau, SC., 1912). Ele consorciado com Bertha Bichels (Hamburgo, 1844 - Blumenau, SC., 1910) fizeram mais que plantar as árvores do bosque existente no fim da "Rua Maravilha": ofereceram à sociedade brasileira 15 filhos blumenauenses.

E porque o Norberto Odebrecht pernambucano casou com a baiana Yolanda Balallai Alves, eles iniciaram a ramificação dos Odebrecht baianos.

Autores Catarinenses

Cruz e Souza,
Ainda;
Interiorização
Do Ensino
Superior;
Lindolf Bell

Texto:

ENÉAS ATHANÁZIO*

CRUZ E SOUSA, AINDA

Todo o ano de 1998 foi consagrado à memória do poeta (João da) CRUZ E SOUSA (1861/1898), cujo centenário de falecimento ocorreu a 19 de março. Foi constituída pelo Governo do Estado uma comissão especial, presidida pelo escritor Iaponan Soares, à qual coube a coordenação dos eventos comemorativos, encerrados em novembro, com a concessão de medalhas alusivas às pessoas que colaboraram, entre as quais este colunista.

Nunca um escritor catarinense foi tão celebrado, no Estado e no País. Por ironia da sorte, o poeta desprezado e aviltado em vida, mereceu homenagens com as quais poucos se atreveriam a sonhar. Mais uma vez, a justiça literária tardou mas veio. Livros, teses, ensaios, edições de suplementos, inúmeras matérias em jornais e revistas, conferências, exposições, debates, emissão de selo postal e medalhas, concursos, sessões de homenagem e solenidade, além de outros fatos do gênero se sucederam em todo o País ao longo do ano. A obra do poeta, em prosa e verso, nunca foi tão lida, estudada e comentada, na verdadeira homenagem que se possa fazer ao escritor, isto é, lendo-o.

Mas, apesar disso tudo, dois livros publicados aqui no Estado estão a merecer um comentário para que "não passem em branca nuvem." Sobre eles nada vi na imprensa.

O primeiro deles é "Cruz e Sousa-Poemas", antologia com seleção, introdução e notas de Eglê Malheiros, "expert" na vida e na obra do poeta. O livro se abre com uma súmula biográfica, registrando os acontecimentos mais significativos da jornada



^{*} Escritor e advogado.

terrena do Cisne Negro, procurando mostrar a discriminação de que foi vítima desde cedo e seus reflexos na obra e na vida do poeta, falecido aos 37 anos, na localidade de Sítio, em Minas Gerais. Registra suas viagens, a permanência no Rio de Janeiro, a amizade insuperável de Nestor Vítor e, acima de tudo, seus padecimentos numa existência curta e sofrida. O livro contém ainda um interessante roteiro de leituras, cronologia, bibliografia de e sobre o poeta e pertinentes notas explicativas ao pé de cada obra. A parte mais importante, porém, é a antologia, reunindo textos em verso e prosa que sejam uma mostra representativa da produção de Cruz e Sousa. Embora seja uma escolha pessoal da organizadora, como ela própria adverte, creio que esse objetivo foi atingido. Quem quer que leia será tocado e procurará ampliar suas leituras.

A coletânea reúne trechos de "Broquéis", "Faróis", "Últimos Sonetos", "Livro Derradeiro" e poemas em prosa extraídos de "Missal", inclusive as últimas páginas de "Emparedado", o mais longo poema em prosa de Cruz e Sousa, sobre o qual escreveu Tasso da Silveira: "O título expressa com precisão a situação existencial em que sempre se sentiu: entre paredes, preso pelas limitações e preconceitos."

Trata-se, enfim, de um livro importante sobre o poeta e que merece leitura e divulgação, em especial nas escolas, interessando os alunos pela obra inexcedível do Cisne Negro.

O segundo livro a que me referi é "Cruz e Sousa, um valente como poucos", de autoria de Torres Pereira, esse português que se fixou em nosso Estado e vem produzindo sem cessar. Trata-se de uma biografia bem fundamentada, escrita no estilo leve e desataviado que caracteriza seu autor, seguida de uma pequena antologia de poemas selecionados das obras do poeta. Ressalta o biógrafo o caráter insubmisso de Cruz e Sousa, enfrentando com altivez as dificuldades opostas ao caminho de um negro, como ele, vítima da discriminação, da maldade e do deboche. Circunstâncias que acabaram influindo na sua obra, tornando-a uma das mais admiradas de nossas letras.

O livro de Torres Pereira é também uma boa contribuição, sobretudo como introdução à vida/obra do poeta.

INTERIORIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR

Pesquisador incansável das coisas do Contestado, assunto que vem examinando em sucessivos livros, Nilson Thomé traz agora nova contribuição no âmbito da micro-história da cidade de Caçador, sua terra natal. Tratase da trilogia "História do Ensino Superior em Caçador", publicada pela Fundação Universidade do Contestado (UnC - 1998). O primeiro volume trata das "Raízes" (1970/1973), o segundo da "Afirmação" (1974/1976) e o último da "Consolidação" (1977/1982). Como se vê da seqüência, o autor faz uma minuciosa análise retrospectiva do surgimento do ensino superior naquela cidade, brotado do sonho de alguns idealistas e que parecia impossível, desde a criação da primeira faculdade até o "campus" de hoje da Universidade do Contestado, abrigando incontáveis alunos em sua sede própria e oferecendo diversos cursos para a formação de profissionais qualificados.

A obra é fundamentada em vasta documentação e bibliografia, contendo inclusive excelente material iconográfico. Sua leitura revela quão difícil tem sido o progresso da educação em nosso Estado, ainda mais em regiões afastadas da Capital. Não fosse o empenho quase heróico de um punhado de homens e a UnC não seria a realidade de hoje, tantos foram os obstáculos a vencer. Thomé está de parabéns por mais esta realização, ligando cada vez mais seu nome à região do Contestado e à UnC, da qual foi um dos pioneiros e onde leciona desde 1981.

LINDOLF BELL (1938/1998)

Vítima de mal repentino, faleceu nesta cidade, no último dia 10 de dezembro, o poeta, crítico de artes plásticas e "marchand" Lindolf Bell. Poeta festejado pela melhor crítica e gozando de invulgar popularidade, foi o líder do movimento da "Catequese Poética", em São Paulo, a partir de 1964. Fundou em 1970 a "Galeria Açu-Açu", que dirigiu até o fim, agitando e promovendo sem cessar as artes na região e no Estado. Autor de vários livros, participou de diversas antologias e deixou vasta colaboração na imprensa. Recebeu importantes prêmios e pertenceu a diversas entidades culturais. O falecimento prematuro do poeta consternou o Estado. Sua ausência será muito sentida na vida cultural catarinense, em especial de Blumenau, onde era "o poeta da cidade."

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

-) Assinatura nova: R\$ 50,00 (anual=11 números)

-) Renovação assinatura: R\$ 40,00 (anual=11 números)

-) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R\$ 60,00

-) Exemplares avulsos: R\$ 5,00 (Cada exemplar/número antigo)

9/	Y Y
	☑ Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ar
	de 1999 (Tomo 40). Anexo a este cupom a quantia de R\$,0
	(reais) conforme opção de pagamento abaixo:
X	
0 0	Forma de pagamento:
	☐ Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)
	□ Cheque
	Banco:
	Número:
	Valor: R\$
	Dados do assinante:
	Nome:
	Endereço:
	Bairro: Caixa Postal:
	CEP: Fone p/ contato:
,	Cidade: Estado:
X	
	Assinatura

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Caixa Postal: 425 - Fone: (047) 326-6990 Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Apoio Cultural:

Aiga Barreto Mueller Hering

Alfred Luiz Baumgarten

Altamiro Jaime Buerger

Annemarie Fouquet Schünke

Ariano Buerger

Benjamim Margarida (in memoriam)

Genésio Deschamps

Mark Deeke

Nelson Vieira Pamplona

Victória Sievert

Willy Sievert (in memoriam)

BTV - Blumenau TV a Cabo

Buschle & Lepper S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

Eletro Aço Altona S/A

Gráfica 43 S/A Ind. Com.

Hering Têxtil S/A

Herwig Schimizu Arquitetos Associados

Joalheria e Ótica Schwabe Ltda.

Lindner Arquitetura e Design

Madeireira Odebrecht

Transformadores Mega Ltda.

Unimed Blumenau



TOMO XL Fevereiro de 1999 - Nº 02

Schulgemeinde abgeholten am 22 Dezember 18 Cintritt Lustritt Rehltage Cadchen Namen I Olasse Tola Block raining befor befor Maria Theis 23.12.95: 27 wining popular Anna Theis 23: 12.95. 52 wining Alida Keinhold maning baffer baffer II Classe Selma Rother buffer buffer buffer i Thekla Rechenberg 7. Bertha Itner 36 raning flat Shaff 8. Spertha Gutz 9. Emma Friels 10, Selma Selbmann 11. Catharina that 12. Maria Milbratz 13. Mathilde Mohr 14. Anna Drohlig Tomilie Vaid Colbratz Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense